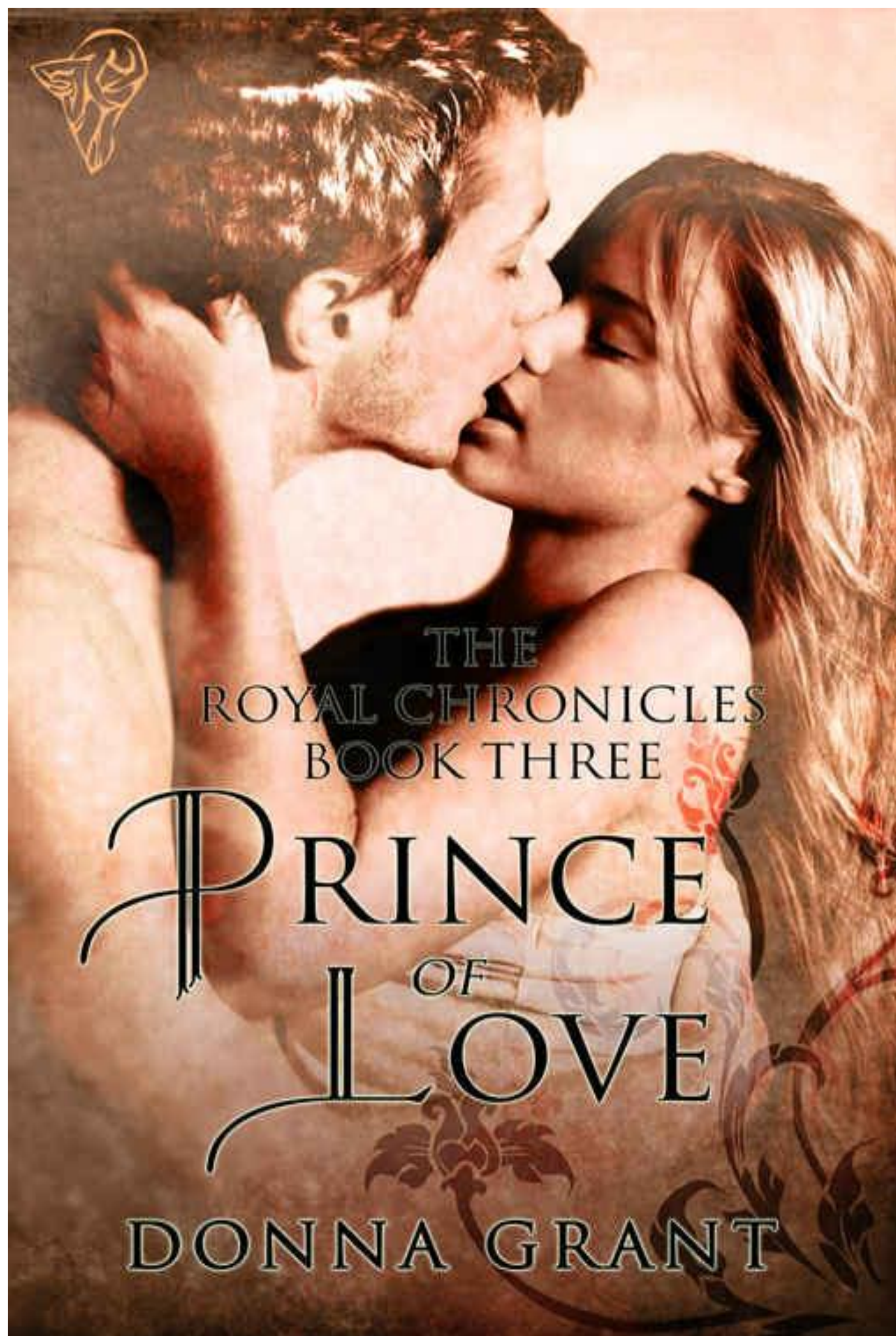
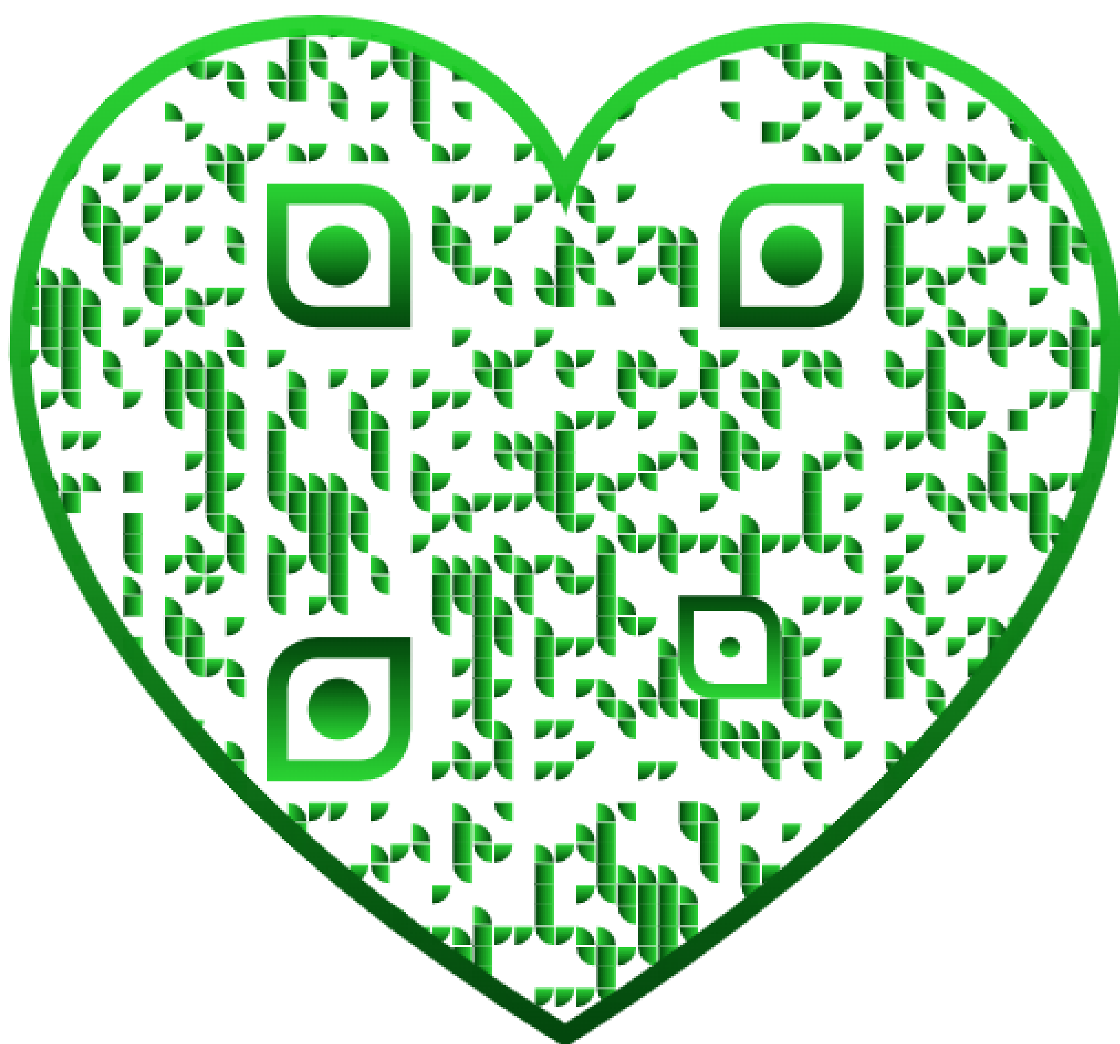




Príncipe do Amor

Disponibilização e tradução: Rachael Moraes
Revisão: Adriana Ramalho
Revisão Final: Angéllica



Resumo:

Ele vai arriscar tudo para reivindicar o seu amor.

O mais jovem dos quatro príncipes, Sorin, esperou o tempo que podia para procurar a sua companheira. Por anos, ele olhou para seu pai e irmãos, os que definem o padrão de como um príncipe de Drahcir deve viver. Agora é sua vez, devido ao seu dever, um dever que ele se recusa a falhar. Nem mesmo o Tnarg mágico que está tentando matar sua companheira estará em seu caminho.

Mas o Tnarg está a um passo à frente dele. Sorin tem pouco tempo para convencer sua companheira de quem ele é e de onde ele vem. Será que a inconfundível atração que eles dividem é suficiente para convencê-la a deixar tudo o que ela conhece para trás e ir para um reino mágico?

Capítulo 1

Invergarry, Escócia

Verão, 1270

A vida tinha uma forma graciosa de mudar de rumo sem prévio aviso. Sorin Sinclair tinha pensado que já estava adaptado à busca de sua companheira, mas não importava as vezes que tinha pensado que não seria surpreendido de novo, sempre lhe acontecia.

Olhou fixamente os familiares olhos cor avelã e quis gritar de alegria. Em lugar disso, sorriu a seu irmão maior e herdeiro do reino de Drahcir.

—Keiran? De verdade é você?

Seu irmão lhe devolveu o sorriso e o abraçou, aplaudindo as costas de Sorin.

—Sim, irmão, sou eu.

Sorin caminhou para trás e examinou o rosto que temeu não voltar a ver nunca mais.

—Como?

—Não há tempo para explicações, e não importa, — respondeu Keiran. —É bom verte.

—Tinha pensado que já tinha retornado a casa por estas datas. Encontraste sua companheira?

Keiran suspirou e deixou cair à mão.

—Não, mas não por falta de busca. Parece pequeno irmão, que há forças trabalhando contra nós.

—Que forças?

—Tive a visita de um Fae que me advertiu que os Tnargs andavam procurando a nossas companheiras, tratando de as encontrar antes que nós.

Sorin deixou escapar um ruidoso suspiro e se apoiou contra o edifício. O beco estava deserto, lhe dando a privacidade que necessitavam. Não gostou de ter notícias dos Tnargs, as bestas mágicas que tinham uma missão, matar a qualquer companheira de um príncipe de Drahcir.

—Isto não pode ser possível. É suficientemente difícil tratar de encontrar a nossas companheiras e as convencer para que nos acompanhem deixando suas casas e suas famílias para trás. E agora me diz que os Tnargs intencionadamente tratam das encontrar antes que nós?

—Todos pensavam que depois de todos estes séculos a zangada princesa Fae teria perdoado, ou pelo menos esquecido, a nossa família. Entretanto ela quer acabar com todos. Aimery me disse que o Fae a desterrou de seu reino pelo que fez. Não acredito que nosso pai saiba isto.

Sorin passou uma mão pelo rosto enquanto assimilava as notícias.

—Vai matar a nossas companheiras, assegurando-se de que não rompamos com a maldição sobre nossa família. Por isso estão os Tnargs tratando de as localizar primeiro que nós.

Keiran assentiu.

—O Fae que te visitou, está seguro de poder confiar nele?

—É obvio. É Aimery, — disse Keiran. Poderia não havê-lo visto as vezes que ele visitou o castelo, mas eu o fiz. Ele é de confiança.

Sorin passou a mão pelo rosto.

—Viu a Elric ou Lucian?

—Não, mas Aimery ajudou ao Elric a encontrar sua companheira. Tenho que supor que nossos irmãos retornaram a casa.

—É obvio, — disse Sorin. —Faremo-lo, Keiran. Estou seguro.

Seu irmão sorriu e assentiu com a cabeça, a dúvida apenas visível em seu olhar cor avelã.

—Sim, faremo-lo. Mantém os olhos alerta sobre o Tnarg. Não poderá receber a besta, e não duvidará em matar a sua companheira. Uma vez que a encontre, e a convença e leva-a rapidamente a Drahcir.

—Partirá?

—Nosso tempo é curto, irmão pequeno, e ainda tenho que encontrar minha companheira. Cuide-te. Verei-te logo.

Sorin abraçou seu irmão, quase não desejando deixar ir. Havia transcorrido tanto tempo desde que tinha visto qualquer um de sua família, e despedir-se outra vez tão rapidamente foi uma tortura.

Soltou Keiran, e depois de uma saudação mais, seu irmão desapareceu na rua cheia de gente. Sorin respirou profundamente e girou para a estalagem, a qual se dirigia quando Keiran apareceu frente a ele.

Saber que os horríveis Tnargs estavam caçando a suas companheiras enviou um calafrio de pressentimento que o atravessou. Sua família significava tudo para ele. Alegremente daria sua vida para assegurar sua sobrevivência, mas a maldição não permitiria isso.

Desgraçada maldição enviou a cada um de seus irmãos longe de seu mágico reino para irem buscar suas companheiras. Foi concedido até a quinta lua do ano da colheita para retornar a Drahcir com suas noivas ou o reino e todos seus habitantes deixariam de existir. Sorin e Keiran tinham menos de dois meses para retornar a casa.

Ainda não estava seguro de como Keiran tinha chegado ao Invergarry. Cada vez que deixavam Drahcir, era um ano diferente, pois o tempo se movia mais lento em seu reino mágico.

Enquanto Sorin permanecia ali parado, olhou ao redor, estava assombrado das poucas pessoas que realmente o percebiam. Estavam tão ocupados com suas vidas, que advertiam pouco ou nada além do que estava justo ante eles.

Isso permitiu a Sorin o tempo necessário para examinar tudo ao seu redor. Tinha estado procurando sua companheira durante mais de um ano sem ter sorte até agora. Ver Keiran tinha renovado sua esperança, especialmente ao inteirar-se que Elric e possivelmente Lucian tinham encontrado a suas companheiras e estavam já em Drahcir neste momento.

Não podia esperar para vê-los, a eles e a seus pais, outra vez. Um sorriso apareceu em seus lábios enquanto pensava nos truques que ele e Elric tinham utilizado um ao outro.

Nisso estava quando a ouviu. Uma musical e formosa risada. Uma risada que lhe fez desejar encontrar a sua proprietária. Queria saber como seria a mulher com uma risada assim. E precisava saber que tipo de mulher tinha o poder de chamar sua atenção com um som tão encantador.

Sorin abriu passo entre as pessoas que abarrotava a rua, até que chegou a um grupo de pessoas que observavam a um homem que fazia malabarismo com umas adagas. Ao redor dele as pessoas ofegaram e aplaudiram. Mas nenhum deles ria.

Seguiu adiante, com os ouvidos alerta para escutar essa deliciosa risada outra vez. Logo a ouviu de novo. Os pés de Sorin se moveram mais rápido pela rua até que viu outra multidão. Apressou-se a ir e ver o que faziam eles, olhando por cima das cabeças até que viu um homem com um pequeno cão branco que fazia truques.

Os olhos de Sorin examinavam as pessoas, em busca da mulher cuja risada lhe tinha chamado. Então a encontrou. Uma beleza coberta com um suave traje amarelo, com o cabelo dourado, brilhantes olhos azuis, e um sorriso fácil.

Reconheceu-a imediatamente. Sua companheira.

Toda sua vida escutou a seu pai falar de como se sentiria quando encontrasse a sua companheira. Sorin não tinha esperado a luxúria quase incontrolável que rugiu através de suas veias. Seu sexo se endureceu, lhe exigindo que a tomasse como era seu destino.

O alívio lhe percorreu. Um obstáculo tinha sido derrubado. Agora que a tinha encontrado, entretanto, teria que convencê-la que fosse com ele. Mas antes disso precisava fazer o amor com ela, lhe provar que estavam realmente atados um ao outro.

Sorin ficou entre o povo estudando a sua companheira enquanto ela observava ao cão. Quando finalmente ficou no caminho, seguiu-a, notando à mulher mais velha que estava com ela e ao homem que a olhava como se ela fora uma sobremesa ao final de uma refeição.

Nunca tinha ocorrido a Sorin que sua companheira podia estar já casada. Seu pai sempre havia dito que suas companheiras estariam esperando-os. Sorin não sabia o que faria se ela estivesse casada, mas não se preocuparia com isso agora, não até que soubesse ao certo.

Enquanto seguia ao pequeno grupo através de Invergarry, passeou o olhar ao redor, atento a qualquer sinal do Tnarg. O único que alguma vez tinha visto estava em um livro na biblioteca de seu pai. Tinha-o assustado tanto quando menino que ele não tinha sido capaz de dormir durante dias.

Inclusive como um guerreiro, a idéia de encontrar-se com a criatura o reprimia. A única missão do Tnargs era lhe impedir que retornasse a Drahcir com sua companheira. Até agora, os Sinclairs tinham ganhado essa batalha. Quantas vezes a vitória cairia em seu lado antes que os Tnargs ganhassem?

A mão de Sorin se moveu para posar sobre o punho da espada atada com correias a seu quadril. Rezava para não ter que usar sua arma, mas Keiran não teria vindo buscando-o se a ameaça não fosse real.

Enxergou um brilho amarelo na outra rua, e se apressou para alcançá-la. Quando o acompanhante de sua bela mulher se deteve para comprar um buquê para ela, Sorin teve o desejo de lhe dar um murro.

Em vez disso, aproximou-se mais ao grupo. Quando voltaram a caminhar, advertiu que um bêbado tropeçava com eles. Sorin alargou suas pernadas para tratar de lhes advertir, mas o bêbado tropeçou com a beleza antes que tivesse uma oportunidade.

Felizmente, Sorin a apanhou antes que ela caísse de costas. Ele olhou para baixo a seus olhos azuis e sorriu. Seu rosto em forma de coração tinha a pele mais cremosa com as

sobrancelhas amavelmente arqueadas e os lábios carnudos que Sorin não podia esperar para beijar. Interiormente gemeu imaginando sua boca deslizando-se sobre seu sexo.

—Estão todos vocês bem? — Perguntou.

Os lábios da garota se abriram e se agarraram a seus braços com ambas as mãos.

—Apanhou-me.

Sorin refreou uma risada afogada.

—É uma sorte para você que o fizesse, senão teria caído e coberto de lama seu bonito traje.

—Solte-a, senhor. — disse o homem em voz alta e irada.

Sorin levantou a cabeça e olhou ao homem que acompanhava a sua beldade. Lentamente, endireitou a sua companheira, desafiando ao homem a que dissesse outra palavra.

—Dou-lhe obrigado, senhor, — disse sua beleza.

Sorin a contra gosto a soltou e inclinou a cabeça.

—Não é necessário, minha senhora. Embora você possa recompensar me dizendo seu nome.

Seus lábios se elevaram ligeiramente nas esquinas.

—Katrina.

—Lady Katrina, — acrescentou o bruto.

Sorin ignorou ao homem.

—Foi um prazer, Lady Katrina. Estarei mais que feliz de voltar a resgatá-la outra vez se o necessitar.

Ela riu, a música soou em seus ouvidos.

—Eu velarei por ela, — disse o bruto.

—OH, Patrick, por favor, — disse Katrina. —Ele somente está sendo educado.

—Como seu pretendente, é meu trabalho te cuidar.

As mãos de Sorin se apertaram com força a seu flanco.

—Não aceitei sua proposta, — disse Katrina, com os lábios apertados em contida cólera.

Patrick olhou furioso a Sorin antes de voltar-se para Katrina.

—Fará-o. Por que o posterga?

Sorin olhou o intercâmbio com interesse. Então, Katrina não tinha grande interesse em ter a Patrick como um marido ou já lhe teria aceitado. Isso trouxe um sorriso ao rosto de Sorin.

Ele esteve a ponto de intervir quando algo na periferia de seu olhar lhe chamou a atenção. Alguém, ou algo tinha estado vigiando.

—E seu nome, senhor?

Sorin voltou seu olhar a Katrina e encontrou seu olhar sobre ele.

—Sorin Sinclair ao seu serviço. — disse com uma piscada.

Ela riu alegremente.

—Estou aqui visitando minha tia, senhor. Você esta convidado para jantar amanhã a noite se estiver disponível. É o mínimo posso fazer depois que tão valorosamente me salvou de cobrir de lama meu traje.

—Sentiria-me honrado. Quem é sua tia? — Sorin estava cheio de alegria pela sorte de passar mais tempo com Katrina sem ter que forçar uma reunião acidental.

—A Senhora Beatriz MacDuff.

—Até manhã a noite então. — disse Sorin.

—Até então. — disse ela e deu a Patrick permissão para que a acompanhasse.

Sorin observou como ela, dando meia volta, partia; o suave balanço de seus quadris lhe fascinou. Não podia esperar para mergulhar-se dentro dela enquanto empurrava esses quadris contra ele. E quando ela olhou por cima de seu ombro, com um sorriso em seus lábios, Sorin soube que ele tinha captado sua atenção.

Capítulo 2

Katrina foi ao seu quarto logo que chegou à casa de sua tia. Tinha sido um engano permitir a Patrick acompanhá-la a casa de sua tia, mas tinha estado de bom humor. Ele não fazia nada mais que insistir, mas uma vez que tinham encontrado a Sorin Sinclair espetacularmente de aparência agradável, Patrick a tinha empurrado para dentro até o limite de lhe pedir uma resposta para sua oferta. Esta era uma das vezes que desejou que seu pai a tivesse acompanhado.

Quando tinham alcançado a casa de sua tia, Katrina tinha tido suficiente. Tinha-lhe rechaçado tão amavelmente como pôde, mas em seus olhos se podia ler a cólera. Ele tinha destrambelhado, e ela soube que nunca lhe veria outra vez. De certa maneira, não estava molesta por isso.

Colocou uma mão na testa e suspirou enquanto se apoiava contra a porta. Que horrível foi, tinha adiado dar a Patrick uma resposta porque não queria lhe machucar. Ele tinha sido amável com ela, sempre impaciente por ajudar de qualquer forma. Era realmente uma lástima que não gostasse dele o suficiente para lhe considerar como um marido.

Um sorriso apareceu quando recordou a Sorin. Ela fechou seus olhos e suspirou enquanto pensava em seu cabelo loiro com nervuras escuras e seus olhos de um dourado profundo. Sua pele estava bronzeada pelo sol e com uma sombra de barba se fazia mais escura em sua mandíbula lhe fazendo perigoso e excitante. Seu nariz estava ligeiramente dobrado, como se tivesse sido quebrado. Sua boca era grande, com lábios finos e seu sorriso devastador.

Assim que ele a tinha apanhado, ela tinha agarrado de seus braços e havia sentido a força de seus músculos enquanto ele a sustentava. Somente pensar em seu toque a embargava uma emoção que a percorria toda.

Era certamente encantador e muito agradável de ver. Repentinamente, estava ansiosa pela chegada da próxima noite. O que aconteceria? Ele viria? Lha sorriria outra vez, mostrando essa covinha em sua bochecha esquerda?

Rezou para que viesse, pois ela não havia sentido tanta antecipação em muito tempo.

* * * * * * * * * * * * * * *

Sorin permanecia olhando o prédio onde tinha deixado a Katrina. Era a casa de sua tia, o mesmo lugar onde participaria do jantar na próxima noite. Tinha estado mais que surpreso por encontrar a ela e a Patrick discutindo algo na frente da entrada, algo com o que Patrick obviamente não estava de acordo. Seria dele? Sorin esperou que fosse. Patrick não tinha feito o intento de dissimular que não gostava isso não importava a Sorin. Ele estava aqui por uma só coisa: Katrina.

Esperar até a próxima noite seria impossível. Teria que pensar alguma maneira para conseguir estar perto dela ao dia seguinte. O tempo era essencial, e ele não tinha nada que perder. Se ele pudesse, subiria até seu quarto agora mesmo.

Em lugar disso, permaneceu ali até o pôr-do-sol. Logo percorreu os escuros becos. As sombras ocultavam tudo, mas o que Sorin procurava seria fácil de detectar, ainda na escuridão.

Em muitas noites tinha lido sobre os Tnargs, especialmente quando seus irmãos tinham saído em busca de suas companheiras. Os imponentes relatos de como os Tnargs espreitavam aos Sinclairs quando retornaram a Drahcir com suas companheiras. Os Tnargs atacariam sem piedade. Muitos foram feridos gravemente, mas nenhum tinha morrido.

Sorin quis assegurar-se que isso se manteria. Ele não seria o que não pudesse cumprir a profecia por não estar o suficientemente alerta. Farejou o ar. Chegou-lhe o fedor de urina rançosa, do lixo e dos sujos corpos molhados da noite, mas havia outro aroma que chamou sua atenção.

O Tnarg estava aqui.

Capítulo 3

Foi o som de sua risada o que despertou Sorin de seu sonho. Seu corpo reconhecia a sua companheira e rugia a vida, a fome por ela invalidando tudo. Logo, a reclamaria e a levaria a Drahcir onde tinha a intenção de passar os dias sepultado em seu calor melodioso. Seus testículos se apertaram só de pensar em afundar-se em Katrina, mas aplacou seu desejo e se levantou para encontrar-se com sua companheira. Tinha passado a maior parte da noite procurando o Tnarg, mas não encontrou à criatura. Mas apenas saber que estava no povo lhe perturbou.

Sorin sabia que não podia deixar Katrina sozinha em nenhum momento ou o Tnarg atacaria. Assim, quando escutou sua risada, ele se levantou do lugar onde estava do outro lado da rua e se encolheu de medo quando a viu montar um cavalo.

—Merda. — amaldiçoou e se deu conta de que seria muito difícil manter o mesmo passo que ela sem um arreio próprio.

Seu olhar rapidamente esquadrinhou as ruas até que encontrou um cavalo descuidado e rapidamente agarrou as rédeas para levar-lhe. Uma vez que montou, divisou Katrina que já desaparecia rua abaixo. Amaldiçoou e pôs o cavalo a galope. Agradecia o loiro cabelo de Katrina que brilhava sob o sol matutino como um farol dirigindo Sorin pelas ruas.

Seu olhar percorreu a área em procurava do Tnarg. Estava mais que contente quando deixaram a cidade e cavalgaram para campo aberto.

Sorin se manteve adequadamente longe para manter um olho sobre Katrina, mas o suficientemente perto para poder alcançá-la se o Tnarg atacava. Ele não podia dizer quem cavalgava com ela embora acreditasse que era a menina do dia anterior. Era a oportunidade perfeita para conhecê-la um pouco melhor.

Se sua sorte se mantinha, a situação poderia resultar muito melhor do que tinha pensado primeiro. E logo que pudesse, poria a Katrina de volta a casa e à segurança. Estar descoberto só tentaria ao Tnarg.

Justo quando pensava que podia ter vigiando às garotas, giraram à direita e se encaminharam a um pequeno bosque. Sorin amaldiçoou e se recostou sobre o pescoço do cavalo enquanto o animal saltava em uma carreira.

Mas não importava a sorte que tinha tido, pois rapidamente se acabou quando Katrina e a outra garota se internaram no bosque antes que as pudesse alcançar. Com o vento rugindo em seus ouvidos e a pesada respiração do cavalo, não podia ouvir nada mais.

Diminuiu a velocidade de seus arreios ao passo quando entrou no bosque e escutou. Nada. Nada de risada, nada de gritos... nada de nada. Estava a ponto de gritar por Katrina quando viu um movimento diante dele.

Pressionando levemente com o joelho, Sorin dirigiu ao cavalo à direita. O corcel se moveu, suas orelhas se levantaram na frente. Sorin pôs sua mão no punho de sua espada enquanto os cabelos de sua nuca se arrepiaram.

O Tnarg estava ali, esperando para atacar a Katrina.

O coração de Sorin tamborilou em seu peito. Quis gritar a Katrina, para dizer que corresse para proteger-se. Mas isso só alertaria ao Tnarg e provocaria que a atacasse antes que Sorin pudesse as alcançar.

Não, tinha que atuar cuidadosamente. Não era simplesmente a vida de Katrina a que estava em jogo, a não ser cada pessoa em Drahcir.

O relincho suave de um cavalo chamou sua atenção. Girou seus arreios à esquerda e revisou as árvores. Repentinamente, viu o Tnarg na árvore preparado para saltar em cima de Katrina.

Sorin tirou a adaga de sua bota enquanto esporeava o cavalo para que corresse. Justo antes que o Tnarg saltasse, Sorin lançou a adaga e observou como se afundava no peito da criatura.

O alarmado olhar azul de Katrina se moveu para ele.

—Corra. — gritou ele.

Tinha esperado que a adaga diminuísse a velocidade do Tnarg, mas só conseguiu zangar-se a besta. Soltou um uivo que provocou que o cavalo de Katrina se assustasse.

Sorin observou em estado de choque como o cavalo empinou sobre suas duas patas e a derrubava, caindo duramente ao chão. O Tnarg saltou da árvore para aterrissar ao lado dela. Sorin atirou de sua espada liberando-a enquanto diminuía a distância entre eles. Saltou de seus arreios e aterrissou sobre o Tnarg que esta a ponto de abrir um corte no peito de Katrina.

A besta lançou Sorin longe de suas costas sem dificuldade e se voltou para enfrentá-lo.

—Não me deterá. — grunhiu a criatura.

Sorriu amplamente e rodeou ao Tnarg.

—Não iria detrás de Katrina se meus irmãos não tivessem tido êxito em alcançar Drahcir. Já falhaste duas vezes. Falhará outra vez.

—Duvido-o, — disse a besta.

—Se quiser um desafio real, então por que não o busca em mim? — Sorin esperou que o Tnarg aceitasse o desafio e Katrina pudesse escapulir-se.

Ele não podia olhar a seu casal para ver se estava bem. Um deslize e o Tnarg matariam a ambos. Em lugar disso, manteve seu olhar na alta e peluda criatura.

Os desenhos que ele tinha visto se pareciam com a besta que tinha diante, mas os olhos de cor vermelha sangue eram mais atemorizantes cara o rosto que sobre qualquer página de um livro. As garras eram mais longas e mais afiadas, e parecia ter mais dentes afiadíssimos dos que os desenhos tinham mostrado. Seu rosto era alargado, e até com a boca fechada podia ver quase cada um dos dentes irregulares de sua boca.

E era uma cabeça e meia, mais alto que Sorin.

Agachou-se rapidamente enquanto o Tnarg repartia golpes a destro e sinistro com seus longos braços, suas garras por pouco rasgam a cabeça de Sorin.

—Move-te muito lento, humano.

Sorin se encolheu de ombros.

—Tem que usar magia para me golpear. Em luta justa, já estaria morto.

O Tnarg retirou seus lábios e grunhiu.

—Não deveria te burlar. Posso fazer sua morte muito dolorosa.

Sorin estava cansado da conversação. Agachou-se rapidamente e rodou. Quando se elevou sobre seus pés, cravou a espada profundamente no Tnarg. A besta rugiu de dor, mas Sorin não se deteve. Empurrou a espada através do Tnarg e incrustou a folha na árvore.

Antes que pudesse dar meia volta para afastar-se, as garras da besta cortaram seu braço esquerdo. Sorin refreou um grunhido de dor e se apressou a ir a Katrina que olhava fixamente e com incredulidade a visão ante ela.

Nenhum dos cavalos estava perto, e Sorin sabia que sua espada só sujeitaria ao Tnarg por pouco tempo.

—Está ferida? — Perguntou-lhe enquanto ajudava a Katrina a levantar-se.

—Não. — murmurou ela e o olhou com seus assombrados olhos azuis. —O que é isso?

—O explicarei mais tarde. Agora mesmo precisamos partir.

Sorin tomou sua mão e começou a correr o bordo das árvores. Ele divisou o cavalo que tinha roubado antes e chamou com um assobio. O corcel levantou o pescoço e trotou para eles. Rapidamente, ele saltou em cima e tendeu a mão a Katrina. Uma vez detrás dele, rodeou-lhe a cintura com os braços, com o corpo inteiro estremecendo-se.

—Onde esta sua amiga, a que estava com você? — Perguntou-lhe enquanto o cavalo começava a galopar fora do bosque.

—Não sei. Um momento ela estava comigo e no seguinte não estava. Que aconteceu, Sorin?

Ele suspirou.

— Embora tenha visto provavelmente não me acreditará.

Ela não disse nada mais enquanto colocava a frente nas costas dele. Sorin olhou por cima de seu ombro, mas não estavam sendo seguidos. Ainda. Não duvidava que o Tnarg fizesse um intento outra vez.

Ele tratou de ignorar o desejo que sua cercania lhe causava. Cada vez que ela movia seus quadris e se esfregava seu suave sexo sobre seu traseiro, ele lutava contra o desejo furioso de tomá-la. Sabia que ela estava alterada, e embora precisasse acalmá-la, não sabia o que dizer. Sua amiga estava provavelmente morta, e desde que Katrina não tinha perguntado por ela, ele não ia dizer isso.

Não disseram nada mais até que Sorin deteve o cavalo pouco antes da entrada da cidade. Precisava explicar coisas a Katrina sem que outros escutassem por acaso. E precisava averiguar sobre sua amiga.

—Abandonei a Amélia.

—A besta não a quer, — mentiu. —Sairei procurá-la logo que você esteja a salvo.

—Esta sangrando, — disse Katrina e amavelmente tocou seu braço.

Ele se encolheu de ombros.

—É simplesmente um arranhão. Cuidarei disso mais tarde.

—Você cuidará disso agora. Não o terei sangrando por toda parte.

Não pôde menos que sorrir. Ela acabava de encontrar-se com uma besta mágica e se preocupava sobre sua perda de sangue. Sorin balançou sua perna sobre o pescoço do cavalo e apeou.

Para sua surpresa, Katrina agarrou de suas saias e se tirou uma tira de sua anágua, lhe dando uma vista tentadora de sua panturrilha. Ela se deslizou do cavalo antes que pudesse ajudá-la e começou a atar o material ao redor de seu braço.

Os cortes teriam que ser limpos mais tarde, mas ela estava correta. O sangramento tinha que ser detido. Ela acabou de atar a vendagem provisória logo deu um passo para trás.

—Me diga, por favor. O que era aquilo?

Ainda estava pálida, mas já tinha deixado de tremer. A inclinação teimosa de seu queixo disse a Sorin que ela não iria a nenhum lugar até que dissesse o que ela precisava saber.

—É um Tnarg, uma criatura mágica enviada para matá-la.

Ela piscou.

—Perdão disse mágica? Poderia ser enforcado por isso.

—Sei. — admitiu-o. —Não brinco, Katrina. Pensa você que eu estava por acaso nesse bosque? Segui-lhes porque sabia que a criatura estava fora ali à espreita.

—Está-me assustando — disse ela brandamente.

—Essa não é minha intenção. — Suspirou. —Com toda sinceridade, precisa assustar-se. Aquilo não deixará de tratar de matá-la.

Ela ficou com o olhar fixo em seus olhos, depois de uns segundos negou com a cabeça e deu um passo para trás.

—Você esta sério.

—Estou-o. Isso não é uma brincadeira. O que viu ali atrás não era sua imaginação. Minha espada só o manterá ali durante um tempo. Estou seguro que a estas horas já esta livre. Precisa ficar em algum lugar seguro a todo o momento.

—Por que quer me matar?

Sorin vacilou. Queria aliviar sua explicação, mas ela não o permitia.

—Você é... especial.

—Especial como?

Merda.

—Minha senhora, essa explicação é mais longa do que eu gostaria de dar agora mesmo. Ou aqui mesmo. Procuremos a sua tia assim poderei sair e procurar sua amiga.

—Amélia é minha criada. — disse. —Não deveria havê-la esquecido?

—Não pode culpar-se quando uma besta como o Tnarg vai detrás de você.

Sorin a agarrou pelo braço e conduziu a casa de sua tia. Seguiu-a até a casa. Um olhar de sua tia o deteve e Katrina o fez passar ao solar onde pudesse descobrir o que aconteceu.

—Preciso procurar a Amélia. — disse Sorin enquanto se afastava.

—Senta-se. — pediu Beatrice.

As sobrancelhas de Sorin se elevaram ante o tom da tia. Recordou a sua mãe.

—Alguém deve procurar a Amélia.

—E o farão. — disse Beatrice. —Enviarei a um dos moços dos estábulos. Você está ferido e precisa ser cuidado. Agora se sente. — disse, e indicou a cadeira perto de Katrina.

Sorin se sentou a contra gosto, enquanto Beatrice enviava a alguém pela criada. Olhou a Katrina que estava com os olhos cravados no chão.

—Não podemos agradecer-lhe o suficiente. — disse Beatrice enquanto desembrulhava o curativo que Katrina tinha amarrado. —Se não tivesse estado ali, então sabe Deus o que poderia haver ocorrido a nossa Katrina. Meu irmão nunca teria me perdoado se algo lhe tivesse ocorrido. Ela é tudo o que ele deixou.

Sorin inclinou a cabeça. Quando a Tia Beatrice terminou de limpar a ferida, a comida e o vinho já tinham sido trazidos. A cor lentamente retornava à cara de Katrina, embora Beatrice houvesse posto-se pálida enquanto Katrina lhe contava o ataque.

Ele se surpreendeu quando Katrina omitiu o Tnarg, em lugar disso relatou o ataque de um par de homens inclinados pela violação e o roubo.

—Minha pobre querida. — disse Tia Beatrice enquanto envolvia um braço ao redor de Katrina. Seu olhar fixo bem definido apanhou a Sorin. —Deve ficar para o jantar esta noite. Sei que Katrina já te convidou, mas este será um assunto familiar. Depois do que você tem feito, é o mínimo que podemos fazer.

Depois desse anúncio, Beatrice se levantou e saiu o local. Sorin sorriu à categórica mulher, sentindo falta da sua mãe mais que nunca.

—É muito afortunada por tê-la. — disse a Katrina.

—Sei — disse ela com um pequeno sorriso. —Minha família é maravilhosa. Estamos muito unidos.

Sorin soube nesse instante que convencer a Katrina de deixar a sua família e não vê-la outra vez seria quase impossível. Justo quando pensou que tinha superado um obstáculo, outro saltava frente a ele. Mas sua luxúria lhe queimava intensamente para fazer caso omisso de seu destino. Seu pênis tinha fome de sentir seu sexo quente, úmido sobre ele, e exceto a morte, nada o podia deter de cumprir a finalidade que ele tinha vindo a fazer.

—Ela nos deixará sozinhos durante um momento enquanto se ocupa de coisas — disse Katrina. —É um bom momento para escutar sua explicação.

Sorin suspirou e se reclinou na cadeira, tratando de ignorar seu dolorido sexo.

—Não sei se agora é um bom momento, mas, apesar de tudo, precisa sabê-lo. Isto vai soar muito forçado.

Ela se encolheu de ombros.

—Me conte.

—Faz, faz muito tempo atrás, um de meus antepassados fez o inconcebível. Zangou a uma princesa Fae.

—Fae? — duvidou ela, suas sobrancelhas se franziram com incredulidade. —Não existem.

—E tampouco o monstro mágico enviado a matá-la.

Ela suspirou e sacudida de cabeça.

—Então, como zangou seu antepassado a esta princesa?

—Os Fae são criaturas extremamente belas. Meu antepassado quis ver se ele podia fazer que a princesa se apaixonasse por ele. Infelizmente para todo mundo, ele fez. O único problema foi que não a amou.

—OH, o amor.

—Exatamente. — Sorin esteve de acordo. —A princesa então amaldiçoou a nossa família.

—Qual é a maldição?

—Cada geração, os príncipes e as princesas de Drahcir devem deixar nosso reino para ir em busca de seus companheiros e retornar com eles ao reino.

—Drahcir? Nunca tive notícias dele.

—Não teria oportunidade. — disse. —O reino está escondido nas profundidades das Montanhas Ben Nevis.

—Essas montanhas são perigosas.

Sorin passou uma mão pelo rosto. Não sabia se ela acreditava ou não.

—Drahcir está escondido. Os Fae tiveram piedade de nós pelo que fez a princesa. Mantêm a Drahcir escondido.

—Já vejo. — Lentamente se levantou e começou a passear pelo solar. —A maior parte de seu relato é... incomum.

—É verdade.

Katrina olhou a Sorin. Seus escuros olhos café rogavam a ela que lhe acreditasse, e ela queria fazê-lo, mas o encontrava difícil de fazer. O Fae, um Tnarg e um reino escondido tudo em um dia? Era muito para que ela o assimile.

Entretanto, ela não duvidava do que tinham visto seus olhos no bosque. Essa besta enfeitiçaria seus sonhos durante anos e anos. E saber que estava ainda ali esperando para matá-la fez que seu estômago saltasse.

Repentinamente, deixou de passear e se voltou para o Sorin.

—Por que o Tnarg está tratando de me matar?

—Deixamos Drahcir para ir à busca de nossas companheiras. A missão do Tnarg é assegurar-se de que não obtenhamos isso.

Seu coração parou de repente com suas palavras.

—Você... está você dizendo...

—Que você é minha companheira? — Ele inclinou a cabeça lentamente. —Sim.

Capítulo 4

Katrina liberou o fôlego de dentro.

Finalmente, ele se levantou.

—Isto não é uma brincadeira.

Ela se apoiou contra a cadeira antes de suas palavras penetrasse em sua mente.

—Não entendo como pode pensar você que sou sua companheira. Apenas nos conhecemos.

—Sei que é difícil — disse enquanto se aproximava dela. —estive procurando durante mais de um ano, me movendo de povo em povo. Foi sua risada a que me apanhou. Tem a risada mais surpreendente.

Katrina se encontrou olhando a Sorin. Ele era impressionantemente bonito, e cada vez que lhe olhava, seus joelhos se voltavam débeis. Não sabia se era seus rasgos cinzelados ou o poder que ele emanava, sem dúvida certamente ele chamava sua atenção. E a tinha salvado de uma morte segura. Como não podia estar atraída por ele? Mas sua história era tão fantástica e incrível.

—Tomaram alguns de seus antepassados alguma vez à mulher equivocada?

Ele negou com a cabeça, uma mecha morena caía em seu olho.

—Nunca. É algo mais que nos deu o Fae. Temos a habilidade para sentir a nossas companheiras.

—Então vocês as levam a Drahcir?

Ele sorriu então, com um lado elevado da boca para tentá-la.

—Sim. Embora deva vir voluntariamente.

—Assim é que não preciso me preocupar que você me seqüestre? — Perguntou com um sorriso amplo.

Ela tinha visto como seus pesadelos vinham à vida essa tarde, mas com Sorin se sentiu segura... protegida. Quase tanto como se não tivesse ocorrido.

Ele riu e negou com a cabeça.

—Nada de seqüestros, minha senhora.

Seu sorriso desapareceu enquanto ela olhava pela janela.

—Está ali fora esperando, não é assim?

—Está. Não se deterá até que esteja morta, ou cheguemos a Drahcir.

—Meu pai quer que eu me case. Ele diz que é o momento, mas nenhum de meus pretendentes me pareceu... pois bem, bom para mim. Como sei que não está louco e inventando completamente isto?

Ele moveu os pés fazendo que ela girasse seu olhar a ele. Logo se afundou na cadeira e cruzou seus avultados braços sobre seu forte peito. Suas longas pernas se estenderam diante dele, para deter-se justamente antes de tocar suas saias enquanto ele cruzava os tornozelos. Ela sabia de primeira mão como de maravilhoso era ser sustentada entre seus braços.

E então dizia que ela era sua companheira? Tão transtornada e assustada como ela deveria estar, tudo o que sentia era... segurança. Até que seu escuro olhar capturou o seu e a fez desejar seus beijos, que suas mãos acariciassem seu corpo.

—Não estou louco. Não há nada que possa dizer para convencê-la de outra maneira. Só terá que confiar em mim.

—Ah, confiar. — murmurou ela e sacudiu com força os pensamentos para retornar ao presente. —É difícil não confiar em um homem que acaba de salvar minha vida.

Ele se levantou em toda sua altura, e Katrina se encontrou a centímetros de Sorin. Podia sentir seu calor, e os estranhos desejos de seu corpo só deram passo a sua curiosidade. Seu polegar acariciou sua mandíbula enquanto se inclinava para ela.

Katrina encontrou impossível respirar enquanto esperava que a beijasse. Sua boca se parou justamente a um toque da dela.

Um lento sorriso, sedutor curvou seus lábios enquanto ele dizia.

—Fico feliz em ouvir isso, moça.

* * * * * * * * * * * * *

Com o estômago cheio de boa comida quente melhorou o temperamento de Sorin definitivamente. Ele e Katrina não tinham estado sozinhos desde essa manhã, mas tinha aprendido muito sobre ela e a luxúria que espreitava em seus olhos. Como tinha se abstido de beijá-la, nunca saberia. Mas tinha visto a desilusão antes de partir dando meia volta.

Bem. Deixou-a experimentar o mesmo nível de fome e frustração que ele tinha. Saber que ela era dele e não poder tomá-la ainda era enlouquecedor por não dizer mais.

Foi justo depois da comida do meio-dia quando os homens tinham retornado com a criada, estava machucada e ligeiramente ferida, mas viva. Sorin quis caçar ao Tnarg, mas ele não podia resignar-se a deixar a Katrina, sem mencionar que sua espada estava ainda no bosque. Ao menos esperava que fora assim. Embora tivesse outras armas, queria sua espada de volta.

Agora, com o jantar terminado, encontrou-se sozinho com sua companheira outra vez.

—Qual janela é do seu quarto?

Seu olhar azul se voltou para ele.

—Me desculpe?

—Katrina, eu não quero assustá-la mais do que já esta, mas o Tnarg não se renderá só porque está na casa de sua tia.

Estudou-lhe um momento.

—Minha vida virou de cabeça pra baixo. O que planeja fazer, dormir sob minha janela?

—Não. Pretendo subir por sua janela e dormir em seu chão.

—Está louco. — murmurou ela. —Não posso permitir a entrar em meu quarto.

—E eu não permitirei que você seja assassinada quando posso protegê-la.

Ela se envolveu os braços ao redor de sua cintura e tremeu. Ela se mostrava valente, mas Sorin sabia que estava aterrorizada. O Tnarg quase a tinha alcançado essa manhã.

—Minha janela é terceira do canto esquerdo do segundo piso.

Sorin assentiu. Como ia alcançar essa janela, não estava seguro. Ainda.

* * * * * * * * * * * * * *

Katrina se sentou no meio de sua cama, as pernas dobradas contra o peito. Cada chiado e cada gemido da casa a faziam saltar. Quando Sorin lhe havia dito que ele viria a seu quarto, tinha pensado que era um parvo. Depois de tudo, ela deveria estar a salvo em casa de sua tia.

Mas agora, continuava percorrendo com o olhar a janela perguntando-se onde estava ele. Tinha-lhe esperado durante horas. Lentamente, subiu à cama e contemplou abaixo a janela. Era uma profunda queda até a rua com nada para sustentar-se em subir ou baixar.

No silêncio da noite, uma junta chiou fora de seu quarto. Ela deu uma volta, o coração lhe martelava no peito. Algo tratava de entrar por sua porta.

Katrina agarrou a adaga da mesa e se apressou a ir a parede ao lado da porta, dispunha-se cravar a arma no Tnarg e correr rapidamente pelo vestíbulo. Ouvia sua própria respiração e lhe parecia muito forte, mas não a podia suavizar não importa o que tentasse fazer.

A porta lentamente se abriu. Katrina levantou a adaga sobre sua cabeça e se dispôs a baixá-la quando umas mãos firmes repentinamente agarraram suas mãos e a empurraram contra a parede.

—Katrina?

Quase chorou quando ouviu a voz de Sorin. Seu medo se desvaneceu e caiu contra ele enquanto sua mão se afrouxava e a adaga caía ao piso.

—Pensei que era o Tnarg. Estava-lhe esperando.

Seus braços se envolveram ao redor dela.

—Não podia escalar a parede. Tive que me colocar às escondidas na casa. Tudo está bem agora.

Mas não era assim. Katrina inspirou seu perfume de pinheiro, especiaria... e poder. Ela fechou os olhos e enterrou seu rosto contra o suave material de sua túnica e aspirou profundamente. Os grossos e musculosos braços a mantiveram estável, confortando-a como ninguém mais podia.

Não estava segura do que o fazia querer estar junto a Sorin assim. Era porque ele disse que ela era sua companheira? Queria acreditar nele tão desesperadamente que tinha começado a convencer-se a si mesma?

—Esta tremendo. — murmurou ele em seu cabelo enquanto recostava seu rosto perto da dela. —Disse-lhe que a protegeria.

Ela tragou e voltou para lhe olhar.

—Pede-me que acredite no impossível, e ainda assim, encontro-me fazendo-o.

—Bem. — Sorriu e moveu um dedo por sua bochecha. —Pelos Santos, dói só te olhar. Nunca vi a uma mulher tão bela.

Muitos homens lhe haviam dito que ela era bonita, mas ninguém lhe havia dito isso como Sorin o fez. Tendo os braços dele, ao redor, Katrina ansiou beijá-lo. Não os beijos castos que seu galã tinha posto em sua bochecha, a não ser um beijo de paixão e de desejo. Um beijo que um amante dava a outro.

O ar se fechou ao redor dela. O rosto de Sorin estava nas sombras, lhe ocultando suas emoções. E justo quando ela estava a ponto de sair de seu abraço, uma de suas mãos se moveu por seu pescoço, empurrando-a para frente.

Os lábios de Katrina se abriram e sua respiração se aliviou. Sua pele zumbiu antecipadamente, seu batimento do coração se acelerou, e pela primeira vez em sua vida, sentiu-se como uma mulher. Sua cabeça desceu para ela, e sob sua palma, ela sentiu seu coração correr velozmente.

Logo seus lábios tocaram seus lábios.

Suave, sedutores... e muito tentador para resisti-lo, os lábios de Katrina se moveram contra os dele. Um gemido vibrou em seu peito e suas mãos a devoraram mais perto, esmagando-a contra si. Sua boca beijou, lambeu e mordiscou a dela, fazendo-a desejar mais, precisando sentir mais dele.

Quando sua mão aproximou a parte de atrás de sua cabeça e inclinou sua boca sobre ela, rodeou-o com seus braços. Lentamente, delineou-lhe os lábios com a língua.

Os lábios de Katrina se abriram, e logo que o fizeram, a língua de Sorin explorou sua boca, esfregou sua língua em contra a dela. Foi à coisa mais erótica que ela alguma vez havia sentido. E ela queria mais.

Enquanto ele aprofundava o beijo, ela seguiu seu exemplo, cedendo tanto como lhe dava até que seu corpo começou a zumbir com um desejo que ela nunca se imaginou sentir.

Mas a assustou.

Katrina se separou do beijo e se afastou dele. Ela usou a parede para manter-se em posição vertical enquanto ela brandamente se tocava os lábios. Os sentiam inchados, assim como estavam seus peitos.

—Katrina?

Sua voz foi apenas um sussurro, mas enviou calafrios que correndo a velocidade sobre sua quente pele.

—É algum mago que lançou um feitiço sobre meu corpo?

Sua cabeça se moveu de um lado a outro lentamente.

—Não. Sou um homem, um homem que encontrou a sua companheira. O desejo que sente crescerá a cada hora que estejamos juntos até que não o possa negar.

Justo então um batimento do coração de desejo pulsou entre suas pernas. Katrina ficou sem fôlego e as apertou, mas só fez que a sensação retornasse.

—Não se oponha a isso — disse Sorin. — me deixe te demonstrar que tão maravilhosa possa ser nossa união.

Ela não quis nada mais que ir com ele, tomar sua mão estendida e apoiar-se contra sua força. Mas o desejo em seu corpo a manteve pega à parede.

Observou-o enquanto se movia para ela. Sua mão lhe acariciou o rosto, levando uma mecha solta a parte de atrás de sua orelha. Seu calor, seu perfume sedutor a voltava louca. O que lhe ocorria? Era como se seu corpo não fosse dela nem sua mente tampouco.

Porque tudo o que ela queria, tudo o que lhe preocupava era Sorin, sentir seus lábios sobre os dela outra vez, suas mãos em seu corpo.

E de repente, ela estava em seus braços. Seu corpo a pressionou contra a parede enquanto sua boca tomava a dela em um beijo feroz que a devastou como um ladrão.

Mas em lugar de lhe fazer temer, só lhe fez querer mais.

Katrina deslizou seus braços ao redor do pescoço para sustentá-lo contra ela. Ouviu-lhe gemer e a emoção a transpassou. O corpo dele estava duro, quente, muito mais quando seu sexo pressionou contra seu estômago.

Sorin não tinha suficiente de seu doce e lhe intoxique a boca. Beber desses lábios carnudos foi como beber do vinho mais encantador. Nunca teria suficiente de sua boca ou de escutar os suaves gemidos que emitia enquanto deixava que o desejo a transpassasse.

Não tinha sido sua intenção seduzir a Katrina essa noite, mas agora que tinha começado, sabia que não podia deter-se. Seu pai lhe tinha advertido que a luxúria seria genial, mas Sorin não tinha esperado que o anulasse tudo.

Ele os girou e lentamente a apoio sobre a cama. Os beijos lhe deixaram sem fôlego, seu corpo flamejava por ela. A necessidade de afundar-se em seu calor, sentir seu forte agarre a seu redor lhe esmagava.

Uma vez que alcançaram a cama, ele se desprendeu do comprido beijo o suficiente para colocá-la e mover-se ao lado dela. Os lábios dela estavam molhados e inchados, os olhos aturdidos pelo desejo.

Baixou a cabeça e procurou sua boca a toda pressa. Nenhuma palavra era necessária, não agora. Não quando cada beijo, cada toque lhe dizia que era o correto. Uma vez que unisse seus corpos, ela veria que estava bem e que eram verdadeiramente companheiros. E enquanto isso, ele desfrutaria de seu delicioso corpo.

Sua mão se moveu por seu quadril e sobre seu estômago até a curva de seu peito. Ela ficou sem fôlego enquanto ele cavava seu peito. Logo um gemido rompeu o silêncio enquanto seu polegar acariciava um mamilo, um pequeno calhau endurecido.

Seu corpo instintivamente procurou seu toque enquanto arqueava as costas e movia seus quadris contra ele. Custou-lhe muito não rasgar suas roupas e mergulhar-se nela.

Refreou seu desejo enquanto descia por seu pescoço beijando-a. Ela cheirava a flores e a inocência, a desejo e a paixão.

E ela era toda dele.

Capítulo 5

As mãos de Katrina se moveram sobre os grossos ombros e musculosos braços de Sorin. Sua boca lhe estava fazendo coisas deliciosas a sua pele enquanto passeava ao longo de seu pescoço e peito. Sua mão massageava seu peito e acariciava seu mamilo, enviando calafrios de deleite que corriam velozmente através dela reunindo-se entre suas pernas como um calor líquido.

Seu sexo se apertava ávido por mais.

E Sorin estava mais que disposto a dar-lhe. Quando ele se situou sobre seu corpo, seu peso produziu um pequeno tremor nela. Sua virilidade pressionava contra ela, como procurando a entrada através de suas capas de roupa.

Era muito para a Katrina. Ela agarrou a túnica de Sorin tratando de tirar-lhe Em um rápido movimento, ele ficou direito e a tirou bruscamente sobre sua cabeça antes de jogá-la a um lado. Ela suspirou e se elevou para poder olhá-lo e encher-se dele. Estendeu a mão para tocá-lo, mas ele se levantou da cama.

Katrina temeu que ele se fosse, mas então lhe viu atirar de suas botas e baixar as calças. Ela se mordeu os lábios enquanto obtinha uma primeira vista real de um homem.

Ele era... belo. Alto e com músculos moldados, Sorin era tudo o que um homem deveria ser.

Ela ficou de joelhos a bordo da cama e moveu suas mãos sobre seu largo peito e por debaixo de seu estômago movendo-se até seus estreitos quadris. Sua rígida virilidade saltava cada vez que a mão dela se aproximava.

Tanto como queria tocá-lo, estava muita indecisa para fazê-lo. Até que ele tomou sua mão e a colocou sobre sua virilidade.

—Sente o desejo que sinto por ti. — murmurou em sua orelha pouco antes de levar o lóbulo à boca e chupá-lo.

Katrina ficou sem fôlego com a sensação e fechou os olhos. Estava quente, duro e brandamente aveludado em sua mão. Moveu-lhe a mão ao longo dele, enquanto com a outra mão encontrava um seio.

O prazer cravou através dela. Algo quente e premente se desenvolveu em seu sexo. E logo lhe tirou bruscamente a camisola por sobre a cabeça. Ela arqueou as costas e jogou a cabeça para trás enquanto seus quadris lhe buscavam.

Moveu uma mão ao redor de sua cintura enquanto sua boca descia sobre seu mamilo, amamentando profundamente em sua boca. Katrina se mordeu os lábios para evitar gritar enquanto sua necessidade aumentava em afligidas proporções. Ela queria... mais.

Sorin não a fez esperar. Ele a empurrou de costas e se ajoelhou ao lado da cama. Katrina levantou a cabeça para lhe olhar quando sentiu lhe abrindo as pernas. Ninguém nunca tinha cuidado de seu sexo, mas a necessidade por ele decidiu contra seu medo.

Acariciou-a com suas mãos os lados das coxas, enquanto beijava sua pele. Ela deixou cair à cabeça em cima da cama, incapaz de deter o desejo, seu corpo se sobressaltou levemente quando seus dedos examinaram rapidamente os cachos de seu púbis, mas ao mesmo tempo, um calor delicioso a percorreu. Seus dedos a dividiram e mergulharam dentro dela.

Katrina se agarrou no cobertor da cama e gritou o nome de Sorin. Os dedos dele entraram mais profundamente, deitando-a em posição horizontal, brincando com ela. Enchendo-a. O prazer era intenso, mas ainda queria, necessitava mais.

E logo sua boca a tocou.

Sua boca se abriu em um mudo grito enquanto sua língua a fazia coisas que nunca acreditou que fossem possíveis. Ele lambeu, beijou-a e a amamentou enviando-a a alturas vertiginosas para algo que ela não entendia.

E justo quando ela pensou que já não podia agüentar mais, seu mundo se fez pedacinhos ao redor dela. Ondas e ondas de prazer rodaram sobre ela, afundando-a em um abismo de êxtase que ela não queria que acabasse.

Seu corpo ainda convulsionava com o clímax quando Sorin se moveu sobre ela. Sua virilidade se roçou contra a sensitiva carne, e ela abriu seus braços para lhe dar a bem-vinda. Sua cabeça grossa se deslizou facilmente em sua vagina molhada, enchendo-a.

Lentamente, empurrou sua virilidade dentro dela e logo se deteve.

—Isto vai doer. — murmurou ele.

—Não me faça esperar. v implorou ela. —Necessito mais de ti.

Logo que saíram as palavras de sua boca quando ele se retirou um pouco e logo empurrou bruscamente. Katrina deu um grito suave e enterrou a cabeça no pescoço de Sorin enquanto a dor a atravessava

—Sinto muito.

—Shh. — disse ela e moveu a cabeça para lhe olhar. —É assim. E passou, e a dor já começa a amainar.

Ele sorriu e a beijou.

—Como pude viver minha vida sem ti?

Não pôde lhe responder, não quando ele começou a mover-se dentro e fora dela, enviando espirais de desejo outra vez. Seu corpo lhe aceitava ansiosamente, e o prazer a cegava. Seus impulsos eram longos e profundos, curtos e rápidos, e cada um trazia mais satisfação que o último.

A necessidade começou a crescer outra vez, desdobrando-se em seu ventre com uma intensidade maior que antes. Sorin deu um impulso final e se endureceu enquanto sua semente se derramava nela levando-a ao clímax outra vez, o prazer a cegou com seu poder.

Katrina o rodeou com seus braços e o beijou em seu pescoço.

—Obrigado. — murmurou ela.

Uns momentos mais tarde, ele se elevou sobre seus cotovelos olhando abaixo a ela.

—É incrível.

Ela riu nervosamente.

—Não, o que fizemos foi incrível. Nunca pensei que podia ser como isto.

Franzindo o formoso e anguloso rosto.

—O que acontece? — Perguntou ela.

—Há muito mais que preciso te dizer, especialmente agora.

Um tremor de temor a percorreu.

—O que?

Separou-se dela e se sentou sobre a borda da cama.

—Recorda como te disse que com a ajuda do Fae nós descobrimos a nossas companheiras, e que não estamos alguma vez equivocados quando encontramos a elas?

—Sim.

—Há algo que ocorre que ajuda a nos assegurar de voltar com a mulher correta.

Quase lhe repugnou perguntar.

—O que é isso?

Ele levantou o braço direito, e justo diante de seus olhos, um desenho começou a obscurecer-se desde seu cotovelo até seu ombro. O desenho era único com um belo trabalho de nós e redemoinhos.

Katrina se sentou e percorreu com a mão as negras marcas.

—Então, uma vez que te deita com a mulher, esta marca aparece?

Ele fez uma careta.

—Sim, mas não só em mim.

Ela piscou incapaz de acreditar no que lhe dizia até que percorreu com o olhar seu próprio braço. O mesmo desenho do braço dele agora apareceu em seu braço esquerdo.

—Por todos Santos. — disse com um estremecer.

Se ela não o tivesse visto com seus olhos, então pensaria que era uma mentira. Agora, só podia olhar em atordoado silêncio a bela marca sobre sua pele.

—Katrina?

—Terei isto sempre? — Perguntou.

—Sim. Como eu.

Ela levantou o olhar para ele.

—Há mais, não é assim?

—Sim. — disse com um suspiro. —Tenho que retornar contigo antes da quinta lua do ano da colheita.

—E quando é isso?

—Em menos que dois meses.

Katrina precisava pensar. Levantou-se e passeou por diante da cama.

—E o resto?

—Não sei se agora é o momento, moça.

Ela se voltava agudamente para ele.

—Acredito que agora é definitivamente o momento, Sorin. Não ponho em dúvida que sou sua companheira e que lá fora há uma criatura para me matar, mas preciso sabê-lo tudo.

—Bem. — Passou uma mão por seu rosto. —Se não voltar comigo, então meu reino e seus habitantes deixaram de existir.

Ela deixou de passear.

—Meu deus.

—Pode me rechaçar se o deseja, mas nunca encontrará a felicidade com outro homem. Cedo ou tarde, ao passar os anos, o desejo de estar comigo crescerá e te voltará amargurada e odiosa.

—Inclusive, poderá encontrar outra?

—Não. — Baixou o olhar ao piso. —Se optar por não retornar comigo, então ficarei contigo, pois não posso deixar a minha companheira. Estou obrigado a estar contigo sempre, abandonando a todos por ti.

Katrina quis chorar. Como se tinha metido nessa confusão? E à parte o que outra coisa podia fazer a não ser retorna com o Sorin?

—Não terei mortes em minha consciência. — disse finalmente. —Irei contigo a Drahcir.

Ela esperou seu entusiasmo, mas em lugar disso ele fechou os olhos e apertou a mandíbula.

E foi quando caiu na conta do que não tinha visto antes de agora.

—Se for contigo, então alguma vez poderei ver minha família outra vez, verdade?

Lentamente negou com a cabeça.

Sua família significava o mundo para ela, como podia as deixar sabendo que alguma vez os veria outra vez?

—Pede o impossível. — murmurou e tratou de alcançar a camisola. Ela lentamente a passou pela cabeça.

—Sei. Se pudesse mudar as coisas para ti, então o faria. — disse Sorin. —Drahcir está oculto pela magia Fae, e embora permitamos a quem quer deixar nosso reino que o faça, não podem retornar.

—Mas você pode?

—Não saímos porque queiramos. Saímos porque o temos que fazer. — disse brandamente. —O tempo vai mais lento em nosso reino. Muito mais lento.

—Em outras palavras, inclusive se pudesse sair e retornar com minha família provavelmente estariam mortos.

—Tem direito a isso.

Ela retornou à cama e se sentou ao lado dele.

—Esperei toda minha vida para encontrar a um homem que me entendesse, que fizesse que meu sangue cantasse. Só que nunca esperei que ele fosse de um reino mágico.

Ele se levantou e silenciosamente se vestiu. Nada mais disse enquanto ela engatinhava sob as cobertas e Sorin subiu ao poste de uma esquina perto da janela.

Em certa forma, apesar de tudo o que ela tinha aprendido, pôde conciliar o sono sabendo que ele estava ali para protegê-la. Mas, quando ela abriu os olhos com o sol matutino, Sorin tinha-se ido.

* * * * * * * * * * * *

Sorin esperou até que as ruas começaram a encher-se para descer do poste sob a janela de Katrina. Ele tinha passado a noite observando-a dormir, recordando sua conversação repetida vezes em sua cabeça. Seu corpo ansiava senti-la embaixo dele outra vez. Seus suaves gritos de prazer tinham sido música para seus ouvidos, e facilmente podia passar o resto de noite fazendo o amor com ela. Mas necessitava o tempo, o tempo que não tinham.

E a necessitava.

Tinha visto seu rosto. A idéia de deixar sua família para sempre não era algo que ela pudesse fazer. Desejou ter mais tempo para cortejá-la, convencê-la do que significava estar juntos. Mas o tempo não estava de seu lado.

Já poderia sentir a contagem regressiva para a quinta lua do ano da colheita. Tinha mentido quando disse que tinha dois meses antes de ter que retornar. Era menos de um mês, mas ele não quis preocupá-la mais do que já estava.

Tudo o que podia fazer era lhe dar um dia mais ou menos para pensar enquanto ele caçava ao Tnarg. Com o Tnarg morto, se ela decidia retornar com ele a Drahcir, seu caminho seria grandemente menos perigoso.

À luz do dia, o Tnarg não se aventuraria no coração da cidade, na qual pediu a Katrina que permanecesse. Iria ao pequeno bosque e veria se podia recuperar sua espada. Tinha outras numerosas armas, mas a espada era muito importante para ele. Ele e seu pai a tinham fabricado, assim perdê-la seria como perder uma parte de seu pai.

Sorin jogou um último olhar à janela de Katrina e se pôs a caminhar atravessando as ruas. O céu estava cinza com nuvens de tormenta. Rogou para que a tormenta se atrasasse até que pudesse encontrar ao Tnarg. A chuva só enviaria a todo mundo dentro e facilitaria que o Tnarg atacasse a Katrina.

Encontrou outro cavalo no bordo da cidade. Depois de um rápido olhar ao redor, Sorin desatou ao animal e saltou em cima de seu lombo. Com um estalo pôs o animal em um galope fácil.

O olhar escrutinador de Sorin registrou procurando qualquer sinal dos rastros do Tnarg. Rodeou a cidade duas vezes antes de assegurar-se que a besta não estava ali. Logo, dirigiu-se para ao bosque.

Necessitava sua espada. Com as idéias desordenadas, guiou ao cavalo aquele bosque, com a esperança de calcular, durante o percurso, alguma forma de persuadir a Katrina para que retornasse com ele. O trovão retumbou com voz cavernosa ao longe enquanto o vento começava a dobrar as árvores e a assobiar sobre a terra. Pelo bordo do olho viu algo mover-se. Girou a cabeça e olhou ao redor, mas foi muito tarde.

O Tnarg era rápido e permaneceu fora da vista tudo o que pôde. Mas Sorin sábia que a besta estava ali. Quando chegaram às árvores, a égua se recusou a entrar.

—Te acalme, moça, — Murmurou Sorin enquanto desmontava e aplaudia ao cavalo no pescoço. —Eu tampouco quero estar aqui. Retorna com seu dono, — disse e girou ao cavalo para a cidade.

Com um suspiro, Sorin escrutinou as árvores.

Antes de caçar a criatura, necessitava sua espada. Entrou nas árvores e notou o silêncio absoluto. Nada de grilos ou aves fazendo ruídos, pois o mal estava perto.

Caminhou tão silencioso como um fantasma atravessando as densas árvores. A grossa capa de agulhas de pinheiro e o vento aquietaram seus passos enquanto se movia onde tinha lutado contra o Tnarg no dia anterior.

Quando chegou ao lugar, olhou encolerizado a árvore onde sua espada estava incrustada quase por completo. Sorin tocou brandamente o couro do pomo envolto. Ao menos a besta não o tinha quebrado. Sua mão agarrou a arma e atirou fortemente.

Tal como temia. O carvalho era grosso e a espada estava cravada profundamente.

Um ramo se rompeu atrás dele. Sorin não precisava ver o Tnarg para saber que estava detrás dele. Um relâmpago dividiu o céu, um batimento do coração antes que repentinamente a chuva começasse a cair.

—Nunca conseguirá tirar a espada a tempo. — vaiou a besta atrás dele.

Capítulo 6

Katrina soprou e levantou os pés. Ela tinha estado nervosa e frenética desde que se despertou e encontrou com que Sorin se foi.

—Onde esta Sorin?

—Katrina, me estas pondo nervosa com seu ir e vir compulsivamente. A tormenta não durará muito. — Murmurou tia Beatrice sobre seu encaixe.

Katrina correu a janela e olhou as escuras nuvens que corriam velozmente para elas. Enquanto esquadrinhava a cidade com seu olhar, um cavaleiro só viajando para a bosque atraiu sua atenção. Instantaneamente soube que era Sorin.

Sem dizer nada a sua tia, correu pelo solar até as espadas cruzadas que penduravam no vestíbulo. Katrina agarrou o pomo da espada e atirou fortemente.

—Moça, o que estás fazendo? —Perguntou sua tia no portal do solar.

—Não a tempo de explicar, Tia Beatrice. Confia em mim. Necessito esta espada. —Justo então um criado arredondou a esquina. —Necessito um cavalo. Agora! — gritou-lhe quando o criado não se moveu.

A tia Beatrice se moveu a seu lado depois que o criado saiu correndo para fazer o que ela ordenasse.

—Katrina, preocupa-me. Vem te sentar comigo até que seu pai chegue.

A cabeça de Katrina se girou para sua tia.

—Pai vem?

—Sim, minha querida. Avisei-lhe ontem depois do ataque. Vem para te levar a casa.

Katrina sentiu como se alguém a tivesse dado uma patada no estômago.

—Eu gostaria de te explicar tudo, e sei que parece como se houvesse me tornado louca, mas necessito esta espada.

—Por quê?

—Sorin perdeu a sua ontem lutando contra a besta.

Os olhos de tia Beatrice se estreitaram.

—Quer dizer os homens que lhes atacaram.

Katrina quis chorar. Mas em lugar disso negou com a cabeça.

—Não. Tia me perdoe por te mentir. Foi uma besta, uma besta que veio me matar. Sorin salvou minha vida, e ele saiu para matá-la. Necessita desta arma.

Ela esperou um segundo, dois enquanto sua tia assimilava as palavras. Finalmente, a Tia Beatrice assentiu com a cabeça e estiro a mão para a espada.

—Uniremos forças. — disse ela.

Levou-lhe três puxões, mas finalmente liberaram a espada. Katrina apenas a podia levantar, mas faria o que pudesse para alcançar Sorin.

Ela se girou para a porta quando a voz de sua tia a deteve.

—O que digo a seu pai?

Katrina parou e se moveu para sua tia.

—Lhe diga que lhe amo, e se não tiver retornado, envia a um exército ao bosque. — Katrina gritou para sua tia.

Mas Katrina não podia esperar um momento mais. Ela tinha que alcançar Sorin. Com a ajuda de um criado, montou na égua e colocou a espada sobre seu regaço. Não olhou para trás, para a porta, assim deu uma joelhada à égua e a pôs à carreira. Katrina ainda não tinha deixado a cidade quando a chuva começou a cair.

Em questão de segundos suas roupas estavam pegas a sua pele. O uivo do vento fazia difícil ouvir algo, e o ruído do relâmpago assustava a égua cada vez que se bifurcava através do céu.

Katrina piscou sob a chuva cegadora e viu uma forma aproximando-se dela. Seu coração lhe fechou na garganta até que viu que era um cavalo. Um cavalo sem cavaleiro.

—Sorin. — murmurou, com urgência fazendo que seu coração pulsasse mais rápido.

Tratou de dar uma joelhada para instigar ao cavalo, mas a égua separou no caminho e sacudiu com força a cabeça. O animal não queria estar à intempérie mais do que queria Katrina.

—Só um pouquinho mais longe. — disse à égua.

O cavalo bufou e dirigiu seus passos para ao bosque, embora seu corpo começasse a tremer.

—Perdi o julgamento. — resmungou. —Só uma pessoa sem juízo sairia fora com esta tormenta para enfrentar-se a uma besta mágica que a quer morta.

Mas sabia que não estava como uma louca. Era Sorin o que havia trazido-a ali. Não sabia muito sobre o homem à parte que ele acendia seu sangue e a fazia sentir-se completa. Não era algo que ela pudesse explicar, mas ali havia realmente uma conexão entre eles que inclusive a marca em seu braço não podia comparar.

Enxugou-se a chuva dos olhos e pôde ver que tinha alcançado as árvores. Com sua mão envolta ao redor do punho da pesada espada, começou a apear quando um rugido forte encheu o ar.

Katrina conseguiu escapar da égua antes que se encabritasse e escapasse de retorno à cidade. Katrina se voltou para as árvores, seu corpo inteiro tremeu de frio e medo.

Levantou a espada com ambos os braços e deu uma patada a suas saias molhadas enquanto entrava nas árvores. Tudo o que ela tinha que fazer era seguir os grunhidos e os rugidos para encontrar a Sorin e ao Tnarg. Ela só rogou para que não fosse muito tarde.

* * * * * * * * * * * * *

Sorin apertou a mandíbula ante a voz do Tnarg. A espada não se moveria, assim é que teria que lutar com a besta com alguma outra coisa.

A chuva, o vento e o trovão amorteceram todos os sons, mas Sorin sabia que a criatura golpearia rapidamente. Ele liberou seu agarre de sua espada e se apartou.

Não foi tão rápido como deveria ter sido, pois as garras do Tnarg lhe rasgaram as costas. Sorin vaiou de dor e se levantou, com uma adaga em cada mão.

O Tnarg riu enquanto olhava as armas.

—Cortarei-te pela metade antes que chegue o suficiente perto para colocar essas pequenas lâminas em mim.

Sorin sabia que a besta estava certa, mas embora provavelmente morresse, não iria sem lhe deixar algumas feridas.

—Se me matas, deixará a Katrina?

O Tnarg riu e sacudiu sua alargada cabeça.

—Pude-te ter matado cem vezes enquanto te segui até aqui. Não, meu objetivo é sua companheira. Você morto ou não, ela morrerá.

O estomago de Sorin se esticou. Como não lhe ocorreu que o Tnarg lhe rastrearia? Como pôde ser tão descuidado?

O Tnarg inclinou para trás a cabeça e rugiu. Seus olhos vermelhos se estreitaram em Sorin, e com suas garras estendidas se preparou para atacar.

Sorin se encurvou como uma bola sobre seus pés, ignorando a chuva e o constante relâmpago próximo enquanto começava a rodear ao Tnarg. A besta era mais alta, mais rápida e mais mortífera, mas Sorin tinha uma leve vantagem. Tinha sido criado com o propósito de combater à criatura. Tinha aprendido a ser veloz com os pés e a pensar com rapidez.

Toda a vida tinha estado preparado para este dia.

Sorin sorriu e pôs as longas lâminas de suas adagas contra seus antebraços. O Tnarg pôs à vista suas garras e saltou para ele.

Não havia nenhuma forma de que Sorin pudesse sair suficientemente rápido, assim deu um passo para a besta e afundou ambas as adagas na lateral do Tnarg.

A criatura gritou de fúria e o golpeou com o dorso da mão. Sorin conseguiu agarrar-se por suas adagas enquanto saía voando contra uma árvore. Afastou a dor e girou seus ombros. Agachou-se rapidamente e arremeteu para a direita, justo quando o Tnarg balançava uma garra maciça sobre sua cabeça. Sorin trocou de direção, levantou o braço e cortou o estômago da besta.

O Tnarg bramou de novo, mas esta vez afundou as garras nas costas de Sorin. Sorin refreou um grito enquanto avançava dando tombos longe da besta.

O sangue correu em grossos atalhos pegajosos, descendo por suas costas e alcançando suas calças. Apoiou-se contra uma árvore para recuperar o ar e moveu a cabeça para tirar seu cabelo que estava grudado em seu rosto pela água.

Esta vez decidiu que seria ele o que atacaria. Apressou-se para o Tnarg, mas antes que pudesse chegar o suficientemente perto para usar suas adagas, a besta lhe deu um murro no estômago. Sorin cambaleou para trás e se estrelou contra uma árvore.

As agulhas de pinheiro eram escorregadias sob seus pés e caiu ao chão. Tratou de manter-se em pé com sua mão, mas caiu a um lado e sobre suas costas. O corpo inteiro lhe doía, mas não podia render-se. Ainda não.

Algo suave e morno caiu sobre sua mão.

—Sorin.

A esperança floresceu em seu peito com o som da doce voz de Katrina. Queria açoitar a Katrina tanto como queria beijá-la. Mas não havia tempo para castigá-la, não quando o Tnarg não sabia que ela estava ali.

—Trago-te isto. — murmurou.

Sua mão o deixou para ser substituído com um metal pesado e duro. Sorin se agarrou com sua mão ao redor do pomo da espada e lentamente ficou de pé.

—Quer mais? — Insultou o Tnarg.

Sorin sorriu abertamente e levantou a espada.

—Quero mais.

—Má eleição. — disse a besta enquanto se equilibrou com fúria contra ele.

Katrina conteve um grito enquanto vigiava o Tnarg e Sorin que lutavam. Suas mãos apertavam a casca do áspero pinheiro.

Uma e outra vez o Tnarg atacou, brincando com Sorin enquanto lhe esfaqueava os braços, o peito e o estomago antes de lhe golpear. E cada vez que Sorin ficava de pé voltava a desafiar ao Tnarg outra vez.

Ele não o havia dito, mas Katrina sabia que não a quereria presenciando a batalha. Mas, não o deixaria. Não agora.

Jamais.

A compreensão fez que as lágrimas cravassem seus olhos. Viver o resto de sua vida sem ele não era uma opção para ela. Ela tinha que o ter.

Ela lamentava não poder lhe dar a pouca força que tinha a Sorin, quando este tratou de levantar a espada várias vezes antes que por fim o obtivesse. O Tnarg somente riu e balançou um punho poderoso sobre sua cabeça.

Sorin tratou de esquivá-lo, mas não foi o bastante rápido. Aterrissou a vários pés de distância sobre suas costas e a espada caiu de sua mão.

Katrina mordeu os lábios enquanto o Tnarg caminhava para Sorin e inclinando-se sobre ele o olhou de acima. Ela teve que lutar com o som da chuva para ouvir o que disse a besta.

—Deveria te haver partido. Não havia maneira que pudesse ganhar.

Sorin riu com desafiou.

—Lutarei contra ti até que o último fôlego abandone meu corpo.

—Não evitará que a mate. E já é hora que morra.

O coração de Katrina caiu a seus pés enquanto o Tnarg levantava uma garra. Ela não pensou enquanto corria para eles e ficava entre o Sorin e o Tnarg.

—Eu sou o que você quer! — gritou ela sobre a chuva ao Tnarg. —Deixa-o!

—Katrina, não! — gritou Sorin e lutou para ficar de pé.

Ela manteve o olhar fixo nos olhos vermelhos do Tnarg que a estudou um momento antes de sorrir abertamente.

—Garota estúpida. — disse.

Katrina fechou os olhos e esperou pelo golpe que a mataria, mas o único som que ela ouviu foi o uivo do Tnarg. Seus olhos voaram para um grupo de homens que vinham correndo a cavalo, a toda velocidade, fazia eles com várias flechas apontando para o Tnarg.

Gritando se girou em direção aos cavaleiros. Katrina olhou as flechas que se sobressaíam de suas costas e caiu ao lado de Sorin.

—Como está se sentindo? — Perguntou-lhe.

—Não tão mal que não possa espremer seu bonito pescoço.

Sorriu olhou a seus escuros olhos e lhe beijou.

—Estamos a salvo.

—Por agora. — disse Sorin e tratou de ficar de pé outra vez.

Katrina lhe ajudou apoiar-se contra uma árvore. Quando ela olhou ao redor, o Tnarg se foi e os homens estavam quase sobre ela. O vento se deteve repentinamente e a chuva se suavizou convertendo-se em garoa.

—Katrina!

Ela saltou sobre seus pés ante a voz de seu pai.

—Estou aqui, Pai. — disse correndo para seu cavalo enquanto ele apeava. Seus fortes braços a rodearam.

—Moça, pensei que tinha te perdido. — disse em seu cabelo.

Ela se reclinou e sorriu.

—A tia Beatrice te disse onde fui?

—Sim, embora ainda não acredite no que vi.

Ela suspirou e lhe agarrou a mão.

—Darei-te uma explicação, mas primeiro necessito que me ajude a levar a Sorin à casa de Tia Beatrice.

Quando se girou para ele, Sorin tinha conseguido levantar-se e tinha usado a espada e a árvore para manter-se de pé. Ela se apressou a ir a seu lado e deixou que se apoiasse nela.

—Está muito ferido.

Ele riu e lhe piscou um olho.

—Nada que uns poucos beijos não cicatrizem.

—Katrina? — Perguntou seu pai.

Ela moveu seu olhar de Sorin a seu pai.

—Pai, quero lhe apresentar ao homem que roubou meu coração, o Príncipe Sorin Sinclair.

—Príncipe? — Repetiu seu pai.

Sorin sorriu abertamente.

—É agradável finalmente lhe conhecer, milord. Sei que tem muitas perguntas, e tenho todas as respostas.

—Não até que esteja curado. — disse-lhes Katrina.

Ela respirou profundamente e disse uma oração de obrigado enquanto Sorin era ajudado a subir ao cavalo. Seu pai queria respostas que em sua maior parte não gostaria.

Especialmente a que explicava porque nunca a veria outra vez.

Capítulo 7

A garganta de Sorin estava seca por toda a conversação que tinha mantido com o pai de Katrina. Ainda não estava seguro de qual tinha sido o mais surpreso pelo anúncio de Katrina, se ele ou o pai dela. Sua decisão de ir-se com ele a Drahcir. Quase lhe parecia um sonho de que esperava despertar. Mas a dor de suas feridas lhe indicava que estava mais que acordado.

—Como se sente?

Ele inspirou sua doce fragrância.

—Muito melhor. Como esta seu pai?

—Está chateado porque não vai ver-me outra vez, e está levando tempo acreditar tudo isto. Mas, ver o Tnarg o convenceu.

Sorin riu.

—Sim, tem esse efeito nas pessoas.

Ele sondou nas profundidades de seus olhos azuis.

—Está segura, Katrina?

—Nunca estive mais segura de nada em toda minha vida. Quero estar contigo sempre, inclusive se isso quer dizer que tenho que deixar tudo o que conheço e amo atrás.

Ele a puxou para ele para reclamar seus lábios em um beijo que oferecia paixão além de seus sonhos mais descabelados tão logo chegasse a noite. Ela introduziu a mão entre eles e agarrou sua virilidade fazendo-o gemer. Para não ser superado, ele cavou seus peitos e acariciou seus mamilos. O desejo flamejou, e o desejo por enchê-la o cobriu. Levou-a para uma cadeira. Mas o som de uma garganta esclarecendo os separou.

O pai caminhou lentamente pelo solar. A figura alta e magra mostrava que era um homem de cuidado, um homem que não queria como inimigo.

—Não há alguma forma de poder vê-la alguma vez? — Perguntou-lhe.

Sorin vacilou.

—Posso falar com meu pai uma vez que retornamos. Não informamos a qualquer um, de nossa posição por medo de ser descobertos, mas talvez algo possa ser estipulado.

—Sempre quis ter netos. — murmurou.

Sorin intercambiou um olhar com a Katrina.

—Dou-lhe minha palavra que farei tudo o que possa para que veja a Katrina e a nossos meninos.

—Obrigado. — disse seus olhos azuis descoloridos se empanaram. —Quando sairão?

—Logo que seja possível. Olhou a Katrina que estava olhando as mãos. —Não sei se o Tnarg nos atacará outra vez, e preciso retornar antes que o tempo se acabe.

Seu pai inclinou a cabeça.

—Posso enviar tantos homens como vocês necessitem para acompanhá-los. Oferecer-lhes amparo. É o mínimo que posso fazer.

Sorin apreciou a oferta, porque certamente necessitariam tanta ajuda como pudessem obter.

—Obrigado, apreciaria-o.

—Onde se casarão?

Sorin se encolheu de ombros. Todos seus antepassados se casaram no castelo, mas nada dizia que não podiam ter duas cerimônias.

—Meus pais quererão uma cerimônia no castelo, mas podemos ter uma aqui antes que saiamos.

—Maravilhoso. — disse Katrina com um sorriso aliviado. Ela se levantou e saiu correndo do solar.

O pai dela olhou a Sorin.

—Tudo o que peço é que a faça feliz.

—Farei-o. — jurou Sorin.

* * * * * * * * * * *

Katrina permanecia em sua janela e olhava para a lua que iluminava a cidade. O Tnarg estava ainda ali fora em alguma parte, embora já não lhe temesse tanto como a noite anterior.

Um pequeno grunhido soou detrás dela. Ela sorriu e se girou para olhar a seu marido. Um suspiro suave escapou de seus lábios. Seu marido. Ela nunca se acostumaria a dizê-lo. Ter tal desejo por um homem que logo que conhecia era surpreendente, mas sim também maravilhoso. Foi ainda difícil acreditar, mas ela nunca tinha sido tão feliz.

—Doem-lhe suas feridas ainda? — Perguntou enquanto se movia para a cama onde Sorin jazia. A luz suave de vela fazia que sua dourada pele nua resplandecesse.

Ele inclinou a cabeça com uma careta de desgosto.

—Sim. A besta tem garras afiadas. Seria feliz de não as sentir nunca mais.

—Estou de acordo. Disse-me antes que viu seu irmão mais velho antes de me encontrar?

—Fiz-o. Não sei como esteve aqui, mas esteve. Ele anda ainda procurando a sua companheira, e rezo para que a encontre.

—E seus outros dois irmãos? Já retornaram?

Ele se encolheu de ombros.

—Tenho que acreditar que o têm feito. Não saberei até que estejamos de retorno a Drahcir, entretanto. — Ele sorriu amplamente. —Estou ansioso por ver minha família. Faz como um ano que saí por nossas portas.

—Isso é muito tempo. Ela se moveu para esfregar com alguma nata cicatrizante em suas feridas. —O que significa realmente o que disse a meu pai?

Elevou-lhe o queixo até que o olhou.

—A respeito de te visitar? Sim, quis dizer cada palavra. Não posso oferecer nada, mas estou seguro de que algo pode ser acordado.

Katrina sorriu e se apoiou para beijá-lo e seus braços a rodearam e a devorou contra seu peito. Ele vaiou com a dor e ela retrocedeu.

—Não podemos. Machucarei-te.

Um brilho malvado apareceu em seus escuros olhos.

—Oh, mas sim, podemos moça.

—Como? — Perguntou, enquanto a excitação aumentava em seu ventre.

Suas mãos tiraram bruscamente a camisola sobre sua cabeça e o deixaram cair no piso antes de devorá-la em cima dele, com as pernas dela lhe montando escarranchados os quadris. Katrina ficou sem fôlego com a sensação de sua virilidade contra seu sexo. As mãos dele balançaram seus quadris adiante, esfregando sua virilidade contra sua pérola.

Katrina suspirou com muito gosto, pois isso começou a esquentar seu sangue. Quando a mão de Sorin se moveu sobre seu sexo e dividiu os lábios de sua vagina, ela engasgou com a respiração tremente. Seu dedo se moveu brandamente sobre sua pérola acariciando-a, dando toques ao broto diminuto até que se sentiu toda úmida.

Queria-lhe dentro dela, sentir seu calor e sua dureza, mas ele continuava. O prazer foi intenso, enlouquecedor e oh, tão glorioso. Ela não queria que nunca se detivesse.

Mas queria mais.

Mais de Sorin.

Seus quadris se moveram contra sua mão procurando a culminação. Ela estava próxima ao seu clímax, tão perto de passar sobre o bordo e experimentar as maravilhosas emoções.

Mas Sorin moveu sua mão e lhe agarrou os quadris. Seu olhar ficou apanhado pelo sorriso inclinado em sua boca, um sorriso aberto e o olhar escurecido de desejo. Antes que pudesse lhe perguntar se estava perto, ele a levantou.

A boca de Katrina se abriu em um estremecer, enquanto lentamente a deslizava sobre seu eixo. Encheu-a polegada a polegada com delicadeza até que esteve completamente embainhado.

Durante um momento Katrina não pôde mover-se pelo prazer que era tão maravilhoso. Mas ela sabia o que esperaria por ambos.

A necessidade de mover-se, senti-lo dentro dela era muito grande para ignorá-lo. Ela empurrou contra suas mãos e engasgou com a fricção e o disparo delicioso de desejo que viajou através dela.

Ela moveu seus quadris outra vez e o ouviu gemer enquanto lhe cravava os dedos nos quadris. Katrina não poderia deter o grande sorriso que atirava de seus lábios. Ela se sentia poderosa, sabendo que o movimento que fazia provocava prazer a ele.

Depois da bela experiência em que ele a tinha introduzido a noite anterior, ela queria fazer isto por ele. Para lhe dar a mesma alegria, o mesmo prazer ele tinha dado.

O desejo a atravessou, e moveu os quadris mais rápido. Ouviu o Sorin murmurar seu nome enquanto suas mãos se moviam para a taça de seus seios. Seus polegares acariciaram seus mamilos, convertendo-os em duros brotos.

A cabeça de Katrina caiu para trás. Ela gemeu e seu sexo se apertou ao redor dele. Um gemido baixo se rasgou de sua garganta e lhe beliscou os mamilos. Ela ficou sem fôlego e moveu os quadris mais rápido, necessitando mais dele com cada pulsação. Ele pareceu sentir a necessidade dela e moveu seus quadris contra as dela.

Seu desejo cresceu rapidamente. Podia sentir o auge, sabia que estava perto. E logo estalou.

Gritou seu nome enquanto caía para adiante e sustentando as mãos em seu musculoso peito. Seu corpo se estremeceu ao redor dele, sua respiração fechou sua garganta. Mas

Sorin tinha agarrado seus quadris e empurrou em seu interior profundamente. Ele deu um grito e lhe sentiu derramar sua semente.

O peito dela subia e baixava rapidamente enquanto abria os olhos lentamente para ver o Sorin olhando-a.

—Vais matar-me. — gemeu ele.

Ela riu e se recostou sobre ele lhe dando um beijo.

—Gostosamente morrerei um pouco cada vez que façamos o amor.

Os braços dele se moveram por suas costas, acariciando sua pele como só um amante podia fazer.

—Tem-me feito o homem mais feliz do mundo, Katrina.

Ela colocou sua cabeça cobre o peito dele

Enquanto apagava de um sopro a vela. Eles tinham uma comprida viagem adiante quando amanhecesse.

* * * * * * * * * * * * * *

Sorin comprovou outra vez a sela do cavalo de Katrina enquanto ela se despedia de sua família. Ela tinha contido as lágrimas toda a manhã, mas ninguém a poderia culpar por derramar agora.

Ele tomou sua mão enquanto ela caminhava para ele.

—Sinto que tenha que deixá-los.

Ela negou com a cabeça e enxugou as lágrimas.

—Todas as mulheres devem deixar a suas famílias quando se casam.

Sorin não disse nada mais enquanto a levantava sobre o cavalo. Depois de inclinar brevemente a cabeça ante seu pai, Sorin montou e saíram. Ele queria fazer correr seu cavalo até as portas de Drahcir, pois estava muito excitado pela volta, mas manteve ao cavalo ao passo.

O plano perfeito seria viajar durante o dia por espaços abertos assim o Tnarg não poderia aproximar-se às escondidas deles, logo dormir em uma estalagem. Mas Sorin sabia que não seriam tão afortunados. Sua viagem os levaria diretos aos bosques profundos e a altas montanhas.

O Tnarg com toda segurança atacaria. E Sorin desejava justamente saber onde.

Capítulo 8

Katrina estava tão cansada que olhava entre as orelhas de sua égua, inclusive já não sentia mais frio. Estavam viajando durante duas semanas sem um sinal do Tnarg.

Embora Sorin não tivesse querido aos homens de seu pai, tinha estado contente de lhes ter nas horas mais escuras da noite. Katrina mesma teria estado protegida fortemente. Se o Tnarg atacasse, então teria tido que transpassar a seis homens e a Sorin antes de alcançá-la.

Os cascos dos cavalos foram amortecidos pela neve profunda, e ela tratou de não sentir-se assustada agora que os homens de seu pai lhes tinham deixado.

—Não posso deixar que eles possam encontrar o caminho. — disse Sorin à segunda vez.

—Entendo. — disse, entretanto embora a metade dela não o entendesse.

Sorin suspirou.

—Entretanto teria gostado do amparo para ti.

—Talvez o Tnarg se rendesse.

Um bufo foi sua resposta.

—Não crê isso, amor. Não cederá até que Keiran tenha retornado com sua companheira. Até então, irá detrás de nós.

—Maravilhoso. — murmurou ela.

Ela piscou várias vezes para liberar suas pestanas da neve que tinha começado a cair. Não podia ver dois passos diante dela.

—Está seguro de que estamos na direção correta?

Sorin riu.

—Sim. Se tivermos sorte, então alcançaremos as portas de Drahcir ao anoitecer. Não quero passar outra noite sem os guardas que seu pai nos emprestou.

—Bem, eu tampouco prefiro isso. — Um calafrio correu por sua coluna vertebral. Ela tinha uma capa de pele forrada que seu pai lhe tinha dado um pouco antes que ela saísse e grossas luvas, mas ainda tremia.

Cada respiração que tomava queimava seus pulmões, e, além disso, queria sentir uma suave e quente cama. E a Sorin.

—Por que está sorrindo? — Perguntou ele.

—Quero te ter outra vez em minha cama. Não tivemos nenhuma privacidade desde que deixamos Invergarry.

Sorin riu.

—Disse-te que te faria gozar a qualquer hora que quisesse.

—Sim, mas não com os homens aqui. — Negou ela. —teriam ficado olhando.

Ele a alcançou e apertou sua mão.

—Inclusive um monge não poderia apartar a vista de seu rosto ou ouvir seus gritos enquanto alcança o clímax, meu amor.

—Só o diz por que é meu marido.

—Hum. — grunhiu. —Adoro como isso soa esposa.

Ela riu nervosamente.

—E eu adoro como isso soa.

—Vou desfrutar de te ter como minha esposa.

—Será assim? — Foi então quando ela não teve nem idéia do que esperavam dela. —Vou realmente ser uma princesa?

Ele beijou seu nariz e sorriu.

—Sim, com todos os privilégios que vem com isso. Prepare-te então. Será a Princesa Katrina de Drahcir.

Ela mordeu os lábios ante suas palavras.

—Princesa. É ainda difícil de acreditar que seja um príncipe e que eu serei uma princesa. Pensei que a realeza tinha só permissão de casar-se com a realeza.

—Se nossas companheiras fossem da realeza, então seria com quem nos casaríamos. — disse com indiferença. —O nosso reino não importa que não seja da realeza. O que importa é que é a melhor mulher para mim. Há uma união entre nós que só pode ser quebrado com a morte. Nada nem ninguém podem interpor-se entre nós.

Ela respirou profundamente e sorriu.

—Eu gosto de ouvir isso. Imagino que a maioria das mulheres gostam de sentir-se segura com o homem com quem elas se casam.

—Agora, isso não quer dizer que não discutiremos. — alertou ele. —Posso ser um pouco teimoso.

—Um pouco? — Perguntou ela com uma risada. —Isso parece suave. Mas eu também posso dizer que tenho um pouco do mesmo.

Compartilharam uma risada e uniram suas mãos. Katrina não poderia esperar para encontrar-se com sua nova família. Todos os dias durante sua viagem a Drahcir, ela e Sorin intercambiaram histórias de suas famílias e infâncias.

Ela conheceu quantos secretos ainda não tinha compartilhado com seus irmãos. Ela tinha sido filha única, assim estava ansiosa por encontrar-se com os irmãos de Sorin e suas esposas. Ela rezou para que se dessem bem.

—Não esteja nervosa. — disse Sorin enquanto lhe lia o pensamento. —Todo mundo te amará.

—Como pode estar seguro?

—Porque eu te amo.

Ela deixou de olhá-lo e dirigiu sua vista às rédeas enquanto detinha a égua.

—O que?

Ele sorriu abertamente.

—É isso uma grande surpresa, esposa? Teria pensado que sabia como me sentia.

—Eu... não tinha nem idéia. — resmungou ela. —Sabia que se preocupava por mim, mas assumi que nosso amor aumentaria com os anos.

—Não por minha parte. — Seu olhar se negou a deixá-la.

E ela finalmente admitiu que sabia que tinha estado crescendo em seu coração do primeiro dia que lhe encontrou.

—Amo-te.

—Sei. — disse com um amplo sorriso malvadamente encantador. —Só esperei para que você te desse conta disso.

—OH, é impossível. — disse ela e girou a cabeça longe. —O que é isso? — Perguntou ela e apontou diante deles.

Sorin suspirou ruidosamente. Finalmente tinham alcançado o caminho.

—É o caminho para Drahcir. Neve cristalizada e paredes de gelo revestem cada lado. É estreito, também. Terá que andar diante de mim.

—Diante? — Ecoou ela.

Ele inclinou a cabeça.

—Não te quero detrás de mim onde não possa te proteger.

—É um lugar perfeito para um ataque, não é assim?

Não queria dizer-lhe, mas deveria saber que ela o veria. Era inteligente e intuitiva.

—Sim. — admitiu a contra gosto.

—Então vamos. Estou cansada de temer por minha vida.

Sorriu abertamente a sua pequena esposa guerreira. Cada instante que estava com ela a queria mais, se isso era possível.

—Toma. — disse ele e lhe deu uma adaga que tirou de sua bota.

Ela olhou a arma logo retrocedeu atrás dele.

—Eu preferiria saber que tem uma arma diferente. Por favor, Katrina.

Ela a tomou e a meteu em sua bota.

—Não vamos necessitá-la. — disse ela com segurança. —nos deixou sozinhos. Seguirá sendo assim.

Ele deixou que se iludisse, mas não podia oferecer esperança como ela o fazia. Estavam tão perto de Drahcir, tão perto de cumprir integralmente a maldição.

Um pouco mais tarde viajavam através do caminho. Sorin manteve o olhar para cima dele, procurando qualquer sinal de que o Tnarg os seguia. Mas ele não viu nada.

Ainda, não podia sacudir o sentimento de que estava perto. Muito perto.

Enquanto avançavam lentamente através do caminho, pareceu-lhe mais comprido do que era. Por uma parte desejava instigar aos cavalos rapidamente, mas a neve era muita espessa para que fizessem algo mais que caminhar.

Logo o viu, o final do caminho. A excitação o percorreu de pés a cabeça. Estava tão perto de casa que quis gritar.

Ele olhou sobre seu ombro e não viu nada. Quando se aproximaram do fim do caminho, deixou escapar um suspiro. Se o Tnarg estivesse pensado em atacar, então já o teria feito.

Uma vez que chegaram ao final, ele deu uma joelhada a seu cavalo aproximando-se ao lado de Katrina e sorriu às grandes leva a sua esquerda.

—Estamos aqui. — murmurou ele.

Justamente como se o estivessem esperado, comporta-as se abriram para dentro, lhes dando a bem-vinda a Drahcir. Sorin viu seus pais e Elric e Lucian com suas companheiras. Tinha-o feito, estava em casa.

Os sorrisos de sua família vacilaram enquanto começavam a gritar. O coração de Sorin caiu a seus pés, pois sabia qual era a única coisa que faria que sua família reagisse assim. Elric e Lucian tiraram suas espadas, mas Sorin sabia que não teriam permissão de deixar Drahcir para lhe ajudar.

—Katrina, me escute. — disse seriamente. —Desça do cavalo e corre logo que possa até as portas. Não te detenha, e seja o que seja que faça, não olhe para trás.

—Sorin, não. — disse. Suas mãos se estremeceram enquanto agarrava as rédeas.

—Recorda, amo-te. — disse e fez girar seu cavalo ao redor para encontrar-se ao Tnarg detrás deles. —Foge Katrina. — gritou e desembainhou sua espada para o ataque.

As longas garras do Tnarg rasgaram o peito do cavalo. O cavalo gritou de dor, e Sorin saltou dele antes que os arreios sofressem um colapso na neve. Saltou sobre seus pés e tratou de afastar os pensamentos de Katrina e do futuro de sua mente.

Sorin soube que não podia ganhar do Tnarg. Nem pensou que poderia alcançar as portas a tempo. Tampouco lhe agradava que sua família visse como lhe matavam.

Tinha pouco alternativa.

—Só deveria ter me deixado matá-la. — disse o Tnarg. —Poderia ter economizado a sua família de ver como te corto em pequenas rodelas.

—Só o faz. — disse Sorin.

Apenas tinha começado a recuperar-se de suas outras feridas, assim é que sabia que não se moveria tão rápido como normalmente o fazia. Mas recuperou sua espada.

A diferença de antes, esperou a que a besta atacar. Logo que o fez, Sorin ficou de joelhos e a cortou drasticamente com sua espada.

O Tnarg uivou e agarrou seu braço enquanto o sangue gotejava na neve. Sorin sorriu e se levantou.

—Como disse, o faz. — expressou impaciente.

Sabia que não se sairia com esse movimento duas vezes, mas também sabia que era essencial continuar irritando a criatura sem deixar-se alcançar. Isso por si só seria um milagre.

Sorin esperou. O Tnarg mostrou os dentes e grunhiu, seus vermelhos olhos resplandeceram. Estava zangado agora.

Equilibrou-se com fúria contra Sorin, lhe atirando ao chão e montando escarranchado sobre ele. A espada voou de sua mão fora de seu alcance. O Tnarg não perdeu o tempo em usar suas garras.

O Tnarg elevou uma garra e alargou suas unhas antes das rastelar lentamente pelo peito de Sorin. Ele apertou a mandíbula, com a determinação de não gritar.

Certamente, Katrina já tinha chegado com toda segurança às portas neste momento. Ao menos Sorin rezou para que o tivesse feito. Sabia que não duraria muito sem uma arma.

Girou a cabeça e viu sua espada justamente a seu alcance. Estirou a mão para ela e um grito de dor chegou aos lábios enquanto o Tnarg enterrava as garras com força no flanco de Sorin.

Sorin podia sentir como se deslizava o atoleiro de seu quente e pegajoso sangue aos lados na grossa neve. Sua vida se drenava rapidamente igual seu sangue o fazia.

Katrina.

Repentinamente, as garras do Tnarg desapareceram de seu flanco enquanto a criatura arrojava para trás a cabeça e gritava de dor. Sorin abriu seus olhos para encontrar Katrina atrás da besta.

O Tnarg deu patadas a algo em suas costas enquanto se afastava dele. E logo os braços de Katrina o envolveram.

—Temos que alcançar as portas, Sorin. — disse ela.

Ele tropeçou com seus pés e se apoiou contra ela. A porta estava tão longe que Sorin sabia que não a alcançariam.

—Deveria haver ido com minha família.

Ela soprou.

—Está sendo teimoso. Não vou ficar quieta vendo-o morrer. Agora, move esses pés. — demandou ela.

Sorin sorriu abertamente e acelerou o passo. Olhou sobre seu ombro e viu que o Tnarg tinha conseguido tirar a adaga de suas costas.

—Temos que nos apressar. — murmurou Sorin.

Ele apertou os dentes e apartou a um lado a dor enquanto agarrava a mão de Katrina e corria com ela para as portas. Sua família estava na entrada gritando para que corressem mais rápido.

Sorin não precisava olhar detrás dele para saber que o Tnarg ganhava terreno. Estavam quase nas portas, só uns quantos passos mais e eles estariam seguros.

E logo Sorin aterrissou de cara na neve só para ser arrancado das mãos de Katrina.

—Não. — gritou ela e partiu em busca dele.

—É meu. — gritou o Tnarg enquanto levantava sua garra para abrir de um corte o peito de Sorin.

Então, Katrina lhe deu uma patada no rosto. Sorin saltou precipitadamente sobre seus pés para correr para as portas com sua esposa. Logo que estiveram sobre a soleira de Drahcir, derrubaram-se sobre a terra abraçados.

—Bem. — disse Katrina. —Isso foi memorável. Entretanto não acredito que queira fazer isto outra vez.

A risada soava ao redor deles e Sorin levantou o pescoço para ver sua família que os rodeava. Ele se inclinou para baixo e beijou a Katrina, e apesar de suas lesões, a pesar do povo ao redor, tudo o que queria fazer era enterrar-se dentro dela. E ele o faria, também. Logo que chegassem ao palácio.

—Fizemos-lo. — murmurou ele.

—Sim. — disse e cavou seu rosto. —Fizemo-lo, você, homem teimoso.

Capítulo 9

O primeiro que Katrina advertiu sobre o Drahcir foi o calor. Ela e Sorin se apoiaram para levantar-se e uma bela mulher com avermelhados cabelos e olhos cor avelã tomou a capa dela.

—Não necessitará isso. — disse. —Sou Marin, e esta é Isabella.

Katrina se voltou para a mulher de cabelo escuro e notáveis olhos azuis ao lado do Marin e sorriu.

—É um prazer.

As duas mulheres sorriram abertamente antes de mover-se para o Sorin. Katrina se voltou para encontrar-se a dois homens que se pareciam com o Sorin. O de cabelo negro e olhos azuis se moveu para ela primeiro.

—Dou-te as boas-vindas à família, Katrina. — disse e se inclinou de modo respeitoso sobre sua mão. —Sou Lucian. O idiota do lado é Elric.

Elric com cabelo marrom escuro e olhos verdes deu um murro em Lucian no braço antes de voltar-se para ela.

—Lhe perdoe. — disse Elric. —Não tem nem idéia como absurdo que é ele.

Fortes braços a envolveram, lhe dando mais agradar com seu simples toque do que ela pensou ser possível. Katrina se apoiou contra Sorin.

—Estás ferido. Outra vez.

Ele riu.

—Pode me atender mais tarde. Agora, me deixe te apresentar a meus pais. Urises e Morag.

Katrina começou a fazer uma reverência quando a rainha tomou seu braço.

—Não há necessidade, amor. — disse ela com amáveis olhos café. —Estamos benditos e agradecidos por te ter na família.

—Obrigado. — disse Katrina. Sua mãe tinha morrido quando ela era uma menina pequena e seu pai não tornou a se casar, assim que o pensamento de ter a uma mãe outra vez trouxe lágrimas aos olhos.

—Bem-vinda, filha. — disse o Rei Urises enquanto ele tomava sua mão. —Foi muito valente ao ajudar a Sorin da forma que o fez. Fomos incapazes de fazê-lo. Mostraste seu valor como só uma companheira de Drahcir pode. É um privilégio te ter em nossa família.

—Vêem. — disse a Rainha Morag. —Precisamos atender a Sorin.

Katrina se moveu a seu lado e envolveu um braço ao redor dele, cuidando das feridas. Ela se girou e viu o palácio, em cima da brilhante montanha com picos azuis dedilhados com inchadas nuvens. A estrada abaixo deles era feita da mais bela pedra azul e incomum que pareceu capturar a cor do firmamento em suas profundidades.

Os brancos edifícios e grupos familiares, a cada lado da estrada estava cada um cenário com trabalhos de nó parecido aos que estavam tatuados em seu braço. Foi então quando notou que a gente de Drahcir estavam na estrada esperando vê-la. A alegria acolhedora e sua saudação a ajudaram a relaxar-se algo.

Um som detrás dela chamou sua atenção e ela começou a observar a gigante porta de ferro fechar-se por acaso sozinha.

Era verdadeiramente um reino mágico.

—O que pensa? — Perguntou Sorin.

Sorriu-lhe.

—Acredito que é magnífico.

—Estás feliz de estar aqui?

—Serei feliz em qualquer lugar que esteja.

Ele apertou seu ombro e suspirou. Não foi até esse momento que ela compreendeu que ele se preocupou.

—Amo-te, Sorin Sinclair.

Ele se deteve e a olhou abaixo.

—E eu amo a ti, Katrina Sinclair.

Epílogo

Sorin olhou a conversação de Katrina com sua mãe e com suas duas cunhadas. Tinha sido um alívio saber que tanto Elric como Lucian tinha retornado, mas todos eles estavam preocupados com o Keiran. Mais agora que faltavam poucas semanas para a quinta lua do ano da colheita.

—Tudo descansa sobre os ombros do Keiran. — disse Elric enquanto se movia ao pedestal ao lado de Sorin.

—Sim, mas se alguém pode aproximar-se das portas é Keiran.

Elric e Sorin intercambiaram um aberto sorriso.

—Suficiente verdade. — admitiu Elric. —É bom te ter em casa, irmão mais novo.

—É bom estar em casa. — Ele moveu seus ombros e sentiu o puxão dos pontos em seu flanco.

Elric riu.

—Sei que sua nova esposa cuidará excelentemente de ti. Só fecha a porta.

—Por quê?

—Mãe realmente ainda não se acostumou a nossas noivas.

Sorin lançou a cabeça para trás e riu.

—Surpreendeu-lhes a ti e a Marin fazendo amor?

—Não. Surpreendeu a Lucian e Isabelle. Levaram-lhe uns quantos dias a Isabelle poder olhar de frente outra vez.

—Obrigado pela advertência. — disse Sorin. —Seguramente farei isso.

Seus sorrisos morreram enquanto um guarda entrava correndo ao palácio.

—O que acontece? — Demandou o Rei Urises.

—É o Tnarg, senhor. Está sentado fora das portas.

Lucian suspirou enquanto se movia para unir-se a eles.

—Está esperando ao Keiran.

—Não posso ajudá-lo. — disse Sorin então.

—Não pode. — chiou os dentes Elric.

O olhar de Sorin se moveu a Katrina.

—Encontrarei a maneira. Nego-me a deixar a meu irmão morrer.

Voltou-se para seus irmãos.

—Essa besta nos rastreou pelo país. Atacou as nossas companheiras e tratou que nos matar. Sei o que a maldição diz, mas não vou simplesmente me sentar e ver como mata Keiran.

Elric e Lucian intercambiaram um olhar.

—Estou de acordo com ele. — disse Elric.

Lucian soprou.

—O que sugere?

—Usemos alguma magia. — disse Sorin com um sorriso amplo enquanto tomava a mão de Katrina.

Elric se esfregou as mãos.

—Tenho o plano perfeito. Com maldição ou não, estou de acordo com o Sorin. Não vou deixar que o Tnarg evite que Keiran retorne a casa.

Sorin percorreu Lucian com o olhar antes de voltar-se para o Elric.

—Nos preparemos então, Lucian, ele pode retornar em qualquer momento.

E todos eles precisavam matar ao Tnarg se era necessário. A vida de um reino inteiro descansava sobre seus ombros. Pois os Sinclairs tinham vivido muito tempo com a maldição. Era hora de fazer algo a respeito, e Sorin sabia que o tempo era agora.

Só tinham que esperar Keiran.